

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA BÍBLICA



AIRTON VIEIRA DE SOUZA
CELI OLIVEIRA MAGALHÃES FREIRE

SEREIS COMO DEUSES: UMA ANÁLISE DO ANTROPOCENTRISMO NOS
TEMPOS FINAIS BASEADA NA OBRA EL FIN DE LOS TIEMPOS Y SIETE
AUTORES MODERNOS, DE ALFREDO SÁENZ

ANÁPOLIS-GO

2018

AIRTON VIEIRA DE SOUZA
CELI OLIVEIRA MAGALHÃES FREIRE

SEREIS COMO DEUSES: UMA ANÁLISE DO ANTROPOCENTRISMO NOS
TEMPOS FINAIS BASEADA NA OBRA EL FIN DE LOS TIEMPOS Y SIETE
AUTORES MODERNOS, DE ALFREDO SÁENZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica de Anápolis como requisito
essencial para a obtenção do título de Especialista
em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Fr.
Flávio Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS-GO

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

AIRTON VIEIRA DE SOUZA
CELI OLIVEIRA MAGALHÃES FREIRE

SEREIS COMO DEUSES: UMA ANÁLISE DO ANTROPOCENTRISMO NOS
TEMPOS FINAIS BASEADA NA OBRA EL FIN DE LOS TIEMPOS Y SIETE
AUTORES MODERNOS, DE ALFREDO SÁENZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica de Anápolis como requisito
essencial para a obtenção do título de Especialista
em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Fr.
Flávio Nolêto, O.F.M, com nota avaliativa 9,5.

Data da aprovação: 12/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fr. Flávio Nolêto

Prof. Dr. Pe. Françoá Costa

Este Trabalho é dedicado à maior glória de Deus e da Virgem Santíssima.

Ao bem comum.

E o de toda a Santa Igreja.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, Redentor

À Virgem Maria, Corredentora

À Igreja, Triunfante, Padecente e Militante:

Benedicamus Domino: Deo gratias!

“Antes da vinda de Cristo, a Igreja deverá passar por uma prova final, que abalará a fé de numerosos crentes. A perseguição, que acompanha a sua peregrinação na Terra, porá a descoberto o «mistério da iniquidade», sob a forma duma impostura religiosa, que trará aos homens uma solução aparente para os seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o homem se glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado”.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	O AUTOR, A OBRA, O TEMA	10
2.1	O AUTOR	10
2.2	A OBRA	11
2.3	O TEMA	14
3	A COSMOVISÃO ANTROPOCÊNTRICA E SUAS CARACTERÍSTICAS NA PRESENTE OBRA	15
3.1	EM DOSTOIÉVSKI	16
3.2	EM SOLOVIEV	20
3.3	EM BENSON	24
3.4	EM THIBON	26
3.5	EM PIEPER	28
3.6	EM CASTELLANI	30
3.7	EM WAST	32
4	A COSMOVISÃO ANTROPOCÊNTRICA NOS TEMPOS FINAIS	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	44
	ANEXO A	47
	ANEXO B	50
	ANEXO C	53

1 INTRODUÇÃO

Entre os vários matizes que constituirão o cenário do Fim dos Tempos, um deles traz em seu bojo a retomada em máximo grau do Antropocentrismo. Como entender este matiz antropocêntrico: suas origens, características e manifestação na sociedade hodierna, à luz da obra de Alfredo Sáenz S.J, *El fin de los tiempos y siete autores modernos*?

Em uma de suas referências ao Anticristo, S. Paulo classifica-o como *ἄνθρωπος τῆς ἀνομίας* - *anthrōpos tēs anomias*, o Homem sem lei (cf. 2 Tes 2, 3). Tal epíteto remete à condição humana a partir de sua Queda Original (cf. Gên 3), quando pela primeira vez o *Antropos*, ecoando o *Non serviam!* [Não servirei!] luciferiano, opta por independe-se da lei divina ao erigir-se o centro. Expulso do paraíso terrestre o homem perde sua cosmovisão transcendente, mergulhando na imanência que o levará, ora em diante à busca de uma terra paradisíaca eterna, renovando-se indefinidamente graças ao conhecimento (gnose) de sua razão iluminada, o que permeará toda a História, nela influenciando desde então. Tal cosmovisão imanente levará ainda o homem a rivalizar com Deus. Mas, ao pretender a criatura rivalizar com o Criador, este, como dirá Thibon, parecerá retirar-se, deixando àquela à sua própria sorte, para que perceba aonde a conduzirá esta soberba rivalidade.

Dois milênios após a entrada, na História, deste “Verbo divino [que] se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14), a rivalidade ainda persiste, com o homem tentando provar a si que sua contingência não possui limites. Exemplo disto, de um lado, é o significativo avanço tecnocientífico ao ponto de as máquinas já adquirirem “cidadania” e outros “direitos humanos” (ANEXO A). De outro, a dissociação da moral e da ética, ao ponto do nivelamento da dignidade humana com o animal e o vegetal (ANEXO B), incluso o inanimado (ANEXO C).

No intuito de contribuir a este debate, o presente trabalho será desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, utilizando como suporte basilar a obra *El fin de los tiempos y siete autores modernos*, de Alfredo Sáenz (2008). Quanto à modalidade, esta pesquisa será ao mesmo tempo exploratória, teórica e bibliográfica; quanto ao objetivo, exploratória e descritiva; e quanto à forma de abordagem, qualitativa.

Para tal, primeiramente se fará uma breve apresentação do autor, da obra e do tema em pauta. Em seguida se verá como será abordado este viés antropocêntrico característico do homem decaído na referida obra, pontual e sucintamente em cada

um dos autores analisados por Sáenz, a saber: Dostoiévski, Soloviev, Benson, Thibon, Pieper, Castellani e Wast. Em seguida, com base nas Escrituras, Tradição e Magistério, como se manifestará, no fim dos tempos, este espírito de *non serviam*, esta aversão às leis divinas, do qual o assim denominado pensamento liberal ou simplesmente liberalismo [ROUSSEL, 2012] é seu expoente máximo, pois traz em seu bojo não outra coisa que o desejo primevo de endeusamento da criatura traduzido em uma liberdade para além de seus limites contingenciais. A isto acrescentaremos exemplos de teorias responsáveis por dar embasamento e incentivo a essa libertinagem, cujos efeitos hoje sentidos podem ser encarados como precedentes a um entendimento de que possamos estar vivenciando o princípio das dores mencionado no Evangelho (cf. Mt 24, 4-8). Por fim serão dadas as conclusões finais no intuito de deixar as portas abertas ao debate.

2 O AUTOR, A OBRA E O TEMA

A fim de situar a presente abordagem no escopo deste trabalho, ofereceremos uma sucinta contextualização de seus elementos-chave, a saber, o autor, a obra e o tema, tratados neste capítulo.

2.1 O AUTOR

Alfredo Sáenz (1932-) é natural de Buenos Aires, Argentina. Ainda jovem ingressou na Companhia de Jesus, ordenando-se sacerdote em 1962. Licenciou-se em Filosofia, obtendo mais tarde o doutorado em Teologia com especialização em Sagradas Escrituras pela universidade romana de Santo Anselmo. Há mais de uma década colabora na formação de seminaristas na Arquidiocese de Paraná (AR), sendo autor de mais de uma centena de artigos e de aproximadamente 80 títulos entre os quais uma série sobre a História da Igreja (**La nave y las tempestades. 12 v.**). Fundador, editor e colunista das revistas *Mikael* e *Gladius*, reside atualmente em Buenos Aires onde desenvolve atividades como professor, pregador e conferencista, ensinando Dogma e Patrística na Faculdade de Teologia de São Miguel, da capital argentina. É Doutor Honoris causa pelas universidades Católica de La Plata e Autônoma de Guadalajara.

Dele se refere o filósofo e escritor argentino Federico Mihura Seeber no prólogo de *El fin de los tempos y siete autores modernos* (p. 13)¹:

Seu infatigável trabalho intelectual revela uma única finalidade, uma única aspiração e zelo: servir à Verdade, colocando-se como humilde transmissor da mesma. Isto, que é um pecado contra a presunção do intelectual moderno que chamam “originalidade”, é para o cristão, em realidade, a marca do apóstolo e do profeta; isto, o que torna um escritor discípulo e imitador de Quem disse: “Minha doutrina não é minha, mas de quem me enviou” (Jo 7,16).²

¹ **O fim dos tempos e sete autores modernos.** Dada a não publicação desta obra em língua portuguesa, todas as suas citações virão em forma de livre tradução.

² Su infatigable trabajo intelectual revela una única finalidad, una única aspiración y celo: servir a la Verdad, poniéndose como humilde transmisor de la misma. Esto, que es un pecado contra la presunción del intelectual moderno que llaman “originalidad”, es para el cristiano, en realidad, la marca del apóstol y del profeta; esto, lo que hace a un escritor discípulo e imitador de Quien ha dicho: “Mi doctrina no es mía, sino del que me ha enviado” (Jo 7,16).

2.2 A OBRA

O fim dos tempos e sete autores modernos, a princípio publicado com apenas seis autores³, é resultado de uma série de conferências pronunciadas durante o ano de 1995 sobre o fim dos tempos, tendo como base as obras de sete autores de comprovada integridade intelectual: Fiodor Dostoiévski, Vladimir Soloviev, Robert Hugh Benson, Gustave Thibon, Josef Pieper, Leonardo Castellani e Hugo Wast [acrescido posteriormente]. Destes, são analisadas por Sáenz uma ou mais obras em que o tema da escatologia⁴, em que o fim dos tempos está inserido, é perpassado sob distintos prismas, com a singularidade de possuírem pontos de convergência não premeditada, em que pese a contemporaneidade de seus autores. Assim, observa Sáenz (2008, p. 30):

No desenrolar da leitura certas reiteraões serão perceptíveis. Isto mostra não somente a influência que os primeiros têm exercido sobre os mais recentes, como também a unidade de fontes e de critérios que os põe de acordo. A internacionalidade dos pensadores não deixa de ser esclarecedora: dois russos, um inglês, um francês, um alemão e dois argentinos se lançam ao estudo de um tema apaixonante como é o do fim dos tempos ou a *esjatologia*.⁵

Utilizando a analogia da colcha de retalhos, o autor confeccionará sua colcha com os retalhos retirados do pensamento de sete autores previamente selecionados, que de forma ora implícita ora explícita tratam da questão dos tempos finais, notoriamente o período em que as Escrituras correlacionam com o despontar histórico de um personagem ainda hoje envolto em aura misteriosa: o Anticristo, cuja íntima ligação com a sociedade que o forja – ao tempo em que por ele é forjada – representa tudo o que se opõe a Jesus Cristo, quem vindo em nome de seu Pai foi rejeitado pelo povo que escolhera (cf. Jo 5, 43). Tal personagem será o principal responsável por instigar e reascender na criatura o antigo desidério de tornar-se deuses; de onde

³ *El fin de los tiempos y seis autores modernos*, com duas edições em 1996 (Buenos Aires: Gladius) e uma em 1997 (Guadalajara: A.P.A.C).

⁴ Como grafado pelo autor: *esjatología*, do grego *ésjaton* = estudo das últimas coisas.

⁵ Al filo de la lectura se harán perceptibles ciertas reiteraciones. Ello muestra no solamente la influencia que los primeros de dichos autores han ejercido sobre los más recientes, sino también la unidad de fuentes y de criterios que los mancomuna. La internacionalidad de los pensadores no deja de ser aleccionadora: dos rusos, un inglés, un francés, un alemán y dos argentinos se ponen al estudio de un tema apasionante como es el del fin de los tiempos o la esjatología.

temos o antropocentrismo, habilmente abordado na referida obra em tantas nuances quanto são os escritores analisados por Sáenz.

Desta forma encontramos, na análise que faz de Dostoiévski, que no tangente à condição humana:

É precisamente quando a liberdade se torna rebelde, que se nega a reconhecer qualquer limite. Se Deus não existe, tudo lhe será permitido. **Julgando-se autônomo, quer dizer, a própria lei, o homem faz a experiência do mal que o impulsiona a converter-se em Deus** (SÁENZ, 2008, pp. 56-57, grifo nosso⁶).⁷

Em Soloviev e seu exame caracterológico do Anticristo, lemos:

Vendo-se tão abundantemente dotado [...] se reconhecia com as verdades características de Cristo. Mas esta consciência de sua dignidade não o levava a ter obrigações morais com respeito a Deus [...] **mas sim a convicção de um direito, de uma superioridade em relação ao próximo, inclusive [...] ao mesmo Cristo.**⁸

De Benson e sua descrição do Anticristo tem-se que:

[...] já não [era] uma figura monstruosa [como Jesus Cristo], meio Deus e meio Homem, reclamando duas naturezas para não possuir nenhuma [...] Aqui estava alguém que podia ser compreendido e seguido; um homem e um deus inteiro ao mesmo tempo; **um Deus puramente humano e um Homem puramente divino.**⁹

Em Thibon encontramos esta sintética, mas contundente afirmação: “Desejando com todas as suas forças o poder material, o homem o obteve, mas, ao mesmo tempo, **cedendo lugar ao homem que se torna seu rival, Deus parece ter-se retirado do mundo**”.¹⁰

⁶ Todos os grifos deste item, de nossa autoria.

⁷ Es precisamente cuando la libertad se vuelve rebelde, cuando se niega a reconocer límite alguno. Si Dios no existe, todo le está permitido. Juzgándose autónomo, es decir, la propia ley, el hombre hace la experiencia del mal que lo impulsa a convertirse en Dios.

⁸ Mirándose a sí, tan abundantemente dotado... se reconocía con las verdaderas características de Cristo. Pero esta conciencia de su dignidad no se le mostraba como implicando obligaciones morales respecto de Dios... sino como la convicción de un derecho, de una superioridad en relación con el prójimo, e incluso... con el mismo Cristo (Ibid., pp. 142-143).

⁹ “[...] ya no una figura monstruosa, medio Dios y medio Hombre, reclamando dos naturalezas para no poseer ninguna [...] Aquí estaba uno al que se podía comprender y seguir; un hombre y un dios entero a la vez; un Dios de puro humano y un Hombre de puro divino” (Ibid., p. 169).

¹⁰ “Desejando com todas sus fuerzas el poder material, el hombre lo ha obtenido, pero, al mismo tiempo, dejando el lugar al hombre que se vuelve su rival, Dios parece haberse retirado del mundo” (Ibid., p. 210).

Em Pieper, acerca da impossibilidade do homem prescindir da Revelação, portanto de algo que o transcende, lê-se que:

Toda a ideia da história inclui uma concepção de começo e de fim. Pois bem, **do começo e do fim não há experiência humana, tampouco são desvendáveis pela mera investigação intelectual.** Só se pode conhecer caso se aceite da realidade uma explicação transmitida ou 'revelada'.¹¹

Em Castellani, sobre a estratégia utilizada pelo Anticristo para os últimos tempos, se nota que:

Deixando intacto todo o aparato externo e a fraseologia cristã, falsifica o cristianismo, transformando-o em uma adoração do homem [...] Exalta o homem como se suas forças fossem infinitas. Promete ao homem o reino de Deus e o paraíso na terra por suas próprias forças.¹²

Por fim, na análise que faz de Wast destaca a premência com que este via os tempos atuais:

Com estas palavras (do capítulo 24 de S. Mateus) Jesus lhes advertia que deviam estar atentos aos verdadeiros sinais de sua segunda vinda. Mais que a eles se dirigia aos cristãos futuros, **especialmente a nós, que talvez estejamos pisando os umbrais do Apocalipse.**¹³

Esta sucinta apresentação a concluímos com um extrato da carta do Cardeal Joseph Ratzinger em resposta ao autor e sua obra: “Com esta obra quis o senhor oferecer uma aproximação inteligente e eclesial à questão do fim do mundo, frequentemente objeto de meras fantasias e também **de programado esquecimento**”.¹⁴

¹¹ Toda idea de la historia incluye una concepción del comienzo y del fin. Pues bien, del comienzo y del fin no hay experiencia humana, ni son descubribles por la mera investigación intelectual. Sólo se puede conocer si se acepta de la realidad una explicación transmitida o “revelada” (Ibid., p. 256).

¹² Con retener todo el aparato externo y la fraseología cristiana, falsifica el cristianismo, transformándolo en una adoración del hombre... Exalta al hombre como si sus fuerzas fuesen infinitas. Promete al hombre el reino de Dios y el paraíso en la tierra por sus propias fuerzas (Ibid., p. 304).

¹³ Con estas palabras Jesús les estaba advirtiéndoles que debían estar atentos a las verdaderas señales de su segunda venida. Más que a ellos se dirigía a los cristianos futuros, especialmente a nosotros, que quizás estamos pisando los umbrales del Apocalipsis (Ibid., p. 386).

¹⁴ Con esta obra Usted ha querido ofrecer una aproximación inteligente y eclesial a la cuestión del fin del mundo, frecuentemente objeto de meras fantasías y también de programado olvido (Ibid., p. 11).

2.3 O TEMA

No concernente ao fim dos tempos optamos por destacar o matiz antropocêntrico que o permeia, que para fins didáticos pode vir em dois níveis, subdivididos, sendo o primeiro o etimológico/semântico; neste, temos que a expressão se origina da união do grego *anthropos*: homem, e do latino *centrum*: centro, consistindo, portanto, em que o homem passa a se perceber e considerar como o “centro do mundo e o fim — isto é, o ‘objectivo’ — de todo o resto do universo — assim como os planetas e as estrelas são apresentados no Génesis bíblico como ‘luminares’ colocados por Deus para iluminar a terra e os seus habitantes”.¹⁵

E o segundo, o histórico/filosófico, em que lemos:

Na Transição Feudal-capitalista tem-se um conjunto de mudanças ocorrendo na Europa Ocidental como forma de responder à crise do século XIV.

É a atuação dos Estados Nacionais no âmbito político, econômico e cultural, com apoio da nobreza (manutenção do status social e do poder político), da burguesia (interesses econômicos, unificação da moeda e participação no expansionismo marítimo) e da Igreja (difundir a fé católica nas terras a serem descobertas).

Neste período surge um homem questionador, crítico, que externa seu pensamento, que problematiza a realidade.

É a mudança de uma mentalidade baseada no Teocentrismo (tipicamente medieval) e a substituição dessa pelo Antropocentrismo, com o homem no centro do Universo a partir da qual esse homem se coloca como um ser racional, valorizando questões ligadas à matéria.

É a chegada de um novo tempo, um tempo que valoriza a razão, o homem, a matéria, um tempo em que, ter prazer em viver não mais é reconhecido universalmente como pecado.¹⁶

Em ambas definições o Antropocentrismo é em essência esse deslocar-se o centro das atenções, do transcendente ao imanente, portanto, do Criador à criatura/criação. Consoante com nossos limites, das várias especificidades desta cosmovisão antropocêntrica destacaremos três, no intuito de sua melhor percepção: a de que o termo possua associação diametralmente oposta a Teocentrismo; a de que deste modo esteja ligado não somente à Filosofia como à Teologia; a de que venha associado ainda a termos como Humanismo, Renascimento, Reforma, Capitalismo, Idade Moderna, Racionalismo, Liberalismo etc, pertencentes ao campo da História.

¹⁵ ANTROPOCENTRISMO. In: Sofos Expressões filosóficas. Disponível em: <<http://sofos.wikidot.com/antropocentrismo>>. Acesso em: 01 set. 2018.

¹⁶ ANTROPOCENTRISMO. In: Portal São Francisco. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/antropocentrismo>>. Acesso em: 01 set. 2018.

A COSMOVISÃO ANTROPOCÊNTRICA E SUAS CARACTERÍSTICAS NA PRESENTE OBRA

Dixit insipiens in corde suo: "Non est Deus".
[Ps XIV (XIII)]

No presente capítulo extrairemos de nossa fonte principal como são pensadas e inseridas, pelos autores analisados por Sáenz, a ingerência da cosmovisão antropocêntrica no homem e a sociedade modernos. Assim, iniciamos primeiramente observando com Nacar-Colunga e sua exegese do salmo acima, que:

O salmista denuncia uma corrupção religiosa e moral que domina descaradamente a sociedade de seu tempo (1-3), e apostrofa os sacerdotes, considerados como principais responsáveis desta pesarosa situação (v.4), lançando contra eles uma terrível ameaça (5-6); terminando com uma súplica a Yahvé para que se restabeleça o bom **sentido religioso e moral na sociedade** (v.7).¹⁷ (SALMO 14 (13). In: **La Bíblia Comentada de Colunga O.P.**

Tal corrupção, apontam ainda os intérpretes, se dá devido à estultice [incipiência] do homem materialista "[...] que crê encontrar a felicidade nas coisas da vida, e por isso crê poder **organizar sua vida sem depender de Deus**".¹⁸ Sem nos deter na especificidade da corrupção clerical aqui apontada, em voga nos dias atuais, é de notar que a cosmovisão antropocêntrica, como visto, comporta, entre outras, esta característica materialista, da imanência centrada no homem e nas coisas visíveis, portanto, na criação. A partir do que ficou convencionalizado como Idade Moderna, tal característica adquirirá gradativamente status de filosofia, ainda que seu objetivo seja no fundo o de uma teologia, como apontado por Siegmund (1966, pp. 23-24):

Seria, não obstante, de todo insuficiente considerar o marxismo uma simples filosofia. O que lhe proporcionou sua assombrosa pujança, manifestada na vitória do bolchevismo, foram as energias de uma crença messiânica, que julgam encontrar nele a realização de suas aspirações seculares.

¹⁷ El salmista se hace eco de una corrupción religiosa y moral que domina descaradamente la sociedad de su tiempo (1-3), y apostrofa a los sacerdotes, a los que considera como principales responsables de esta luctuosa situación (v.4), lanzando contra ellos una terrible amenaza (5-6); y termina con una súplica a Yahvé para que se restablezca el buen **sentido religioso y moral en la sociedad** (v.7). (tradução livre, sem paginação)

¹⁸ "[...] que cree encontrar la felicidad en las cosas de la vida, y por eso cree poder **organizar su vida sin depender de Dios**." (tradução livre, sem paginação)

Como bem observou Delassus (2010, p. 21.), graças a isso é que o homem moderno procurará organizar-se socialmente de modo a que nada de material lhe falte, e que assim possa satisfazer-se plenamente os sentidos, pois para ele contará a felicidade temporal; o que se oporá radicalmente à doutrina e à moral cristãs. Ao longo do trabalho abordaremos com mais detalhes este aspecto do materialismo/ateísmo como elemento messiânico.

Em nossa obra referência, como atesta Ratzinger mais acima, seu autor buscará, através da análise do elemento *esjatológico* contido no pensamento dos sete pensadores analisados, alguns dos quais acatólicos, “oferecer uma aproximação inteligente e eclesial à questão do fim do mundo, frequentemente objeto de meras fantasias e também **de programado esquecimento**” (SÁENZ, 2008, p. 11, grifo nosso). Desta análise será extraída a cosmovisão antropocêntrica, portanto imanente e gnóstica, posta sob matizes tão diversos quanto os autores analisados, adiante introduzidos através de resumo biográfico.

2.1 EM DOSTOIÉVSKI

O primeiro capítulo d'O fim dos tempos e sete autores modernos intitula-se FIÓDOR DOSTOIÉVSKI ou A Construção da Torre de Babel.¹⁹

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881) nasceu em Moscou, onde seu pai exercia a medicina, e de família religiosa. Entre os antepassados houve católicos e ortodoxos, optando Dostoiévski pelo cisma oriental. Aos 17 anos, com a morte do pai, ingressou com o irmão maior na Escola Militar de Engenharia de São Petersburgo. Terminados os estudos abandonou a carreira, dedicando-se exclusivamente às atividades literárias. Escreveu então a primeira novela, Pobre gente. Em seguida passa a militar em um grupo socialista em cujos planos incluía a progressiva destruição da família, da propriedade, do Exército e da Igreja. Foi, por isso, preso e condenado à morte, escapando graças a um indulto imperial permutando a condenação por quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria mais quatro de serviços como soldado raso.

Após este período publica Humilhados e ofendidos e A Casa dos Mortos; posteriormente, Crime e Castigo. Em 1868 apareceu O Idiota, uma de suas grandes

¹⁹ FIODOR DOSTOIÉVSKI o La Construcción de la Torre de Babel.

obras, e em 1870, Demônios. De 1879 é sua obra prima, Os Irmãos Karamazov. Entre 1861 e 1881 publica e dirige sua própria revista, Diário de um escritor, com artigos e ensaios que revelam sua maturidade intelectual e literária. Seus últimos anos se caracterizaram pela intensidade de uma vida de oração e penitência.

Para Sáenz o matiz antropocêntrico em Dostoiévski, demonstrado de forma particular em obras como Crime e Castigo e Demônios, estará intimamente ligado à utilização que o homem faz de seu livre arbítrio. Como se verá mais abaixo, é o princípio do Liberalismo, medido segundo a volição humana, regulado segundo os direitos humanos cuja preponderância terá grande relevo na assim designada Nova Ordem Mundial (ROUSSEL, 2012; SANAHUJA, 2102), para este último a retomada do antigo projeto da Babel babilônica (cf. Gên 11). Referindo-se aos personagens dostoiévskianos em geral, e nas obras acima em particular, diz Sáenz (2008, p. 54):

O homem da liberdade rebelde é o homem da barbárie, que sonha em ultrapassar os limites da própria natureza. Se o homem é totalmente livre, acaso tudo não lhe será permitido? Não poderá cometer o crime que o favoreça, até o parricídio, se fosse conveniente à própria exaltação? Acaso não deveria aspirar a ser Deus?²⁰

Tal sobreposição dos limites contingentes parece ecoar o sibilar da antiga serpente, que ao propor à criatura o ser igual ao Criador, oferecendo-lhe do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o instigará, em última instância, ao poder sobre o da árvore da vida (cf. Gên 3). É ao que aponta Sáenz na menção à teoria do Homem Superior de Raskólnikov, protagonista de Crime e Castigo, após o assassinato de uma velha usureira: “Tal é a teoria. Raskólnikov tratará de aplicá-la. O importante para ele é a mobilidade do crime, a questão de seu próprio poder: Se atreverá ou não? Será ‘Napoleão’, homem-deus, ou então uma criatura temerosa?”²¹ Quem responde, com nova indagação, é o próprio personagem, cujas palavras tocam o problema de fundo: “Estava capacitado a transgredir a lei ou não estava? Atreveria

²⁰ El hombre de la libertad rebelde es el hombre de la desmesura, que sueña con sobrepasar los límites de su propia naturaleza. Si el hombre es totalmente libre, ¿acaso no le estará permitido todo? ¿No podrá cometer el crimen que lo favorezca, hasta el parricidio, si fuese conveniente a su propia exaltación? ¿No debería acaso aspirar a ser Dios?

²¹ Tal es la teoría. Raskólnikov tratará de aplicarla. Lo importante para él es el móvil del crimen, la cuestión de su propio poder: ¿Se atreverá o no? ¿Será “Napoleón”, hombre-dios, o bien una creatura temblorosa? (Ibid., pp. 57-58).

a transpassar os limites ou não?”²². Temos aqui a rebeldia da liberdade, ou a liberdade rebelde, em uma palavra: a libertinagem, que a fim de satisfazer sua volição passa a negar todo e qualquer limite por ver-se o homem a medida de todas as coisas. Para que tal ocorra forçoso será negar a fonte de sua limitação; de onde a sentença: “Se Deus não existe, tudo lhe está [ao homem] permitido”²³.

Será então o desejo de uma liberdade sem limites o responsável, dentre outros, por toda ação criminosa, que levada ao extremo se revela contraditoriamente um atentado à própria dignidade humana com o homicídio e o suicídio. Aqui reside a original contribuição de Dostoiévski segundo Sáenz: a da percepção do crime como algo metafísico, antes de psicológico e/ou sociológico; um ato, portanto, “quase teológico” como se verá logo abaixo.

Por isso, primeiramente lemos que “o caminho da liberdade rebelde degenera em arbitrariedade, a arbitrariedade conduz ao mal e o mal ao crime”²⁴, ressaltando que o mal possui seu esconderijo nas entranhas mesmas do homem, em sua liberdade rebelde e autonomia da divindade. Tácita crítica aos que, a exemplo de Rousseau, postulam que a opção do homem pelo mal se dá à medida que sofre a influência extrínseca do meio: “O homem não pode deixar de considerar-se responsável pelo mal que tenha cometido, não pode aceitar o não ser livre e considerar-se um simples reflexo de seu meio social”.²⁵ Disto se infere que em última instância o ato criminoso é antes uma questão de foco, quando já não se centra no Criador para focar-se na criatura. Considerando a máxima agostiniana de que o homem, feito para o Criador, permanece angustiado enquanto nele não descansa²⁶, é provável que submerja, a exemplo do Apóstolo, no mar revolto das paixões diversas (Cf. Mt 14, 23-33).

No concernente às motivações do homicídio, assim aponta Sáenz ao concluir a análise do protagonista de Crime e Castigo:

Como se vê, o crime não é para Dostoiévski a mera transgressão de uma lei humana. **É um ato estritamente religioso, quase teológico.** Ao assassinar,

²² ¿Estaba facultado para transgredir la ley, o no lo estaba? ¿Me atrevería a traspasar los límites o no? (Ibid., p. 58).

²³ Si Dios no existe, todo le está permitido (Ibid., p. 57).

²⁴ El camino de la libertad rebelde degenera en arbitrariedad, la arbitrariedad conduce al mal y el mal al crimen (Ibid., p. 55).

²⁵ El hombre no puede dejar de considerarse responsable por el mal que haya cometido, no puede aceptar el no ser libre y pasar por un simple reflejo de su medio social (Ibid., p. 56).

²⁶ “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e nosso coração inquieto está enquanto não repousa em Ti”.

Raskólnikov não busca violar as leis da sociedade, mas sim, situar-se *em um nível religioso, de autonomia rebelde, para substituir a Deus, começando por destruir sua obra* [...] Foi um pecado de soberba levado ao extremo; **mais que um pecado contra o quinto mandamento, uma violação do primeiro:** “Não terás outro Deus além de mim”²⁷.

No tangente ao suicídio, ainda mais extremo, diz tratar-se de uma espécie de grau máximo de rebeldia autossuficiente. Somente apoderando-se da árvore da vida o homem poderá considerar-se criador. Para isso há de matar o maior de seus medos, o da morte, o que Sáenz exemplifica através de um singular diálogo de Demônios, entre dois dos cinco “demônios” protagonistas, Stavroguin e Kirilov, este um suicida:

- Quem se atreve a matar-se é Deus – diz Kirilov. Agora todos podem fazer com que não exista Deus nem nada. Mas ninguém o fez até agora nem uma só vez.
- Suicidas sempre existiram aos milhões.
- Mas nenhum por esta causa, todos com medo e não com esse fim. Não com o fim de matar o medo. Quem se mata só por isso, por matar o medo, esse imediatamente será Deus²⁸.

Merecerá destaque o registro que faz o autor do cúmulo em que chega o homem no afã de tornar-se ele mesmo sua medida, seu $\alpha\omega$, o que poderá ser evidenciado pelos exemplos fornecidos neste trabalho.

Concluamos assim Dostoiévski com o parágrafo abaixo, em que Sáenz, interpretando o pensamento de Disandro condensa a essência de toda a contribuição dostoievskiana ao tema ora tratado:

Bem assinalou Disandro, no breve ensaio sobre Dostoiévski, que a pretensão do grande novelista foi a de destacar o *lado caínico* do homem. Na tendência a intercalar crimes em suas diversas novelas, busca destacar um tema metafísico, manifestado pela primeira vez em Caim. E assim soube reunir, de maneira genial, em torno deste eixo, o mais medular de sua temática e instituições. Kirilov, um dos personagens de *Demônios*, vira suicida para

²⁷ Según se ve, el crimen no es para Dostoiévski la mera transgresión de una ley humana. Es un acto estrictamente religioso, casi teológico. Al asesinar, Raskólnikov no busca violar las leyes de la sociedad, sino que se ubica en un nivel religioso, de autonomía rebelde, para sustituir a Dios, empezando por destruir su obra... Fue un pecado de soberbia llevado al extremo; más que un pecado contra el quinto mandamiento, una violación del primero: “No tendrás otro Dios más que a mí” (Ibid., p. 59, grifos nossos).

²⁸ – Quien se atreve a matar-se es Dios – dice Kirilov. Ahora todos pueden hacer que no haya Dios ni nada. Pero nadie lo hizo hasta ahora ni una sola vez.
 – Suicidas los ha habido a millones.
 – Pero ninguno por esta causa, sino todos con miedo y no con ese fin. No con el fin de matar el miedo. Quien se mata sólo por eso, por matar el miedo, ese inmediatamente será Dios (Ibid., p. 87).

fazer-se Deus, senhor da vida e da morte. Schigalev e os outros conspiradores concorrem no assassinato de Schatov. Ambos, Kirilov e Schigalev, organizam a “*antropoktonia*”, isto é, o assassinato do homem, como prelúdio de um solene deicídio, que culminará no Anticristo.²⁹

2.2 EM SOLOVIEV

O segundo capítulo intitula-se VLADIMIR SOLOVIEV ou A Grande Impostura do Anticristo.³⁰

Vladimir Sergueievich Soloviev (1853-1900) nasceu em Moscou. Seu pai, Serguei Mikhailovich, catedrático da Universidade de Moscou, foi um destacado historiador. Desde a adolescência interessou-se pela filosofia. Estudou Física e Química, Filosofia e Letras, assistindo paralelamente os cursos da Academia de Teologia. Aos 22 anos foi nomeado professor de Filosofia na Universidade de Moscou. Em São Petersburgo amadureceu três obras importantes: Princípios filosóficos do saber unificado, Lições sobre a humanidade de Deus e Crítica dos princípios abstratos, nas que investiga a justificação racional da fé cristã.

Conhecia o latim, grego, francês, alemão, inglês e hebraico, assim como as filosofias antigas e modernas lendo no original Platão, Orígenes, Sêneca, Santo Agostinho, Descartes, Kant, Hegel etc. Em 1882 escreveu Fundamentos religiosos da vida, aproximando-se assim do Catolicismo. Elaborou um memorando em francês, onde explicava como se podia levar a cabo concretamente a união entre Rússia e Roma. O escrito foi enviado a Leão XIII, sendo muito bem acolhido pelo Papa. Entre outros, publicou *L'idée russe*³¹ (1888) e *La Russie et l'Eglise universelle*³² (1889), onde defende o primado de Pedro e de seus sucessores. Antes de sua morte converte-se ao Catolicismo. Ainda em 1899 termina Três diálogos, sua obra póstuma, que conclui com uma descrição dos momentos terminais da história, quando se trave

²⁹ Bien ha señalado Disandro, en su breve ensayo sobre Dostoiévski, que lo que el gran novelista pretendió destacar es el lado caínico del hombre. Aquella tendencia a intercalar crímenes en sus diversas novelas, busca destacar un tema metafísico, que se manifestó por primera vez en Caín. Y así supo reunir, de manera genial, en torno a este eje, lo más medular de su temática y de sus instituciones. Kirilov, uno de los personajes de Demonios, es suicida para volverse Dios, señor de la vida y de la muerte. Schigálev y los otros complotados concurren en el asesinato de Schátov. Ambos, Kirilov y Schigálev, organizan la “antropoktonía”, es decir, el asesinato del hombre, como preludio de un solemne deicidio, que culminará en el Anticristo (Ibid., p. 69).

³⁰ VLADÍMIR SOLOVIEV o La Gran Impostura del Anticristo.

³¹ A ideia Russa.

³² A Rússia e a Igreja universal.

a luta definitiva entre o Bem e o Mal. Ali se encontra, ao modo de conclusão, a mais bem sucedida criação, o Breve relato sobre o Anticristo.

De Soloviev destacaremos a ligação entre o binômio poder temporal/atemporal e cosmovisão teocêntrica/antropocêntrica. Ao ressaltar a análise que faz o escritor russo da Cristandade e suas vicissitudes ao longo da história, Sáenz faz notar o semelhante papel que terá a Rússia ao dos dois Impérios Católicos existentes, posto que: “[por] Duas vezes, escreve, a Igreja recebeu um corpo social: no Império de Constantinopla e no de Carlos Magno”³³ (2008, p. 123), sendo a Rússia, em um futuro próximo, sua terceira encarnação, a fim de consolidar o reinado social de Jesus Cristo como esboçado na Idade Média. Neste sentido recorda que: “Deus se fez homem na pessoa do Messias judeu no momento em que o homem se fazia deus na pessoa do César romano [...]”³⁴, constatando que Jesus não se limitara a reconhecer a autoridade deste homem-deus, pagando seu imposto, como também o destinava ao seu lugar de direito ao demonstrar que o poder de César, dado sua condição contingente, não era ilimitado, mas naturalmente subordinado a outro, este sim absoluto porque eterno, infinito e autônomo. Disto resulta, para Soloviev, que:

Os que creem de verdade nas palavras de Cristo jamais admitirão o Estado separado do Reino de Deus, o poder temporal independente e soberano em absoluto. Há um só poder na terra e este não pertence a César, mas a Jesus Cristo. Se a palavra relativa à moeda tirou de César a divindade, esta outra lhe retira a *autocracia*. Se quer reinar na terra já não pode fazê-lo por si, deve julgar-se *delegado* dAquele a quem todo poder foi dado na terra³⁵.

Tal assertiva caminha em sentido oposto à visão antropocêntrica vigente, por exemplo, em nossa Constituição notoriamente influenciada pela revolução francesa liberal maçônica (OS PROTOCOLOS, 2001³⁶; KLOPPENBURG, 1992), para a qual:

³³ Dos veces, escribe, la Iglesia recibió un cuerpo social: en el Imperio de Constantinopla y en el de Carlos Magno (Ibid., p. 119).

³⁴ Dios se hizo hombre en la persona del Mesías judío en el momento en que el hombre se hacía dios en la persona del César romano [...] (Ibid., loc. cit.).

³⁵ Los que creen de veras en la palabra de Cristo jamás admitirán el Estado separado del Reino de Dios, al poder temporal independiente y soberano en absoluto. Hay un solo poder en la tierra y éste no pertenece a César sino a Jesucristo. Si la palabra relativa a la moneda quitó a César la divinidad, esta otra palabra le quita la autocracia. Si quiere reinar en la tierra ya no puede hacerlo de por sí, debe juzgarse delegado de Aquel a quien toda potestad ha sido dada en la tierra.

³⁶ Em que pese as críticas à obra Os protocolos dos Sábios de Sião, o agregamos no rol de nossas fontes por três motivos, a saber: por não haver, até o presente momento, argumentos irrefutáveis contrários à sua autenticidade, o que pareceu-nos comprovado através da presente edição; pelos eventos nele “profetizados”, em muitos casos terem tido seu cumprimento e mesmo estarem, no presente momento, se cumprindo; por ter adquirido status de uma literatura universal, inclusive no meio acadêmico, o que parece contradizer a tese desta obra como mera *fake news*.

“Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (Art. 1, § 1, par. único.). Também aqui caberia a *lex orandi lex credendi*³⁷, isto é, da forma como este indivíduo se vê no mundo, se contingente ou necessário, se posicionará quando, por exemplo, da elaboração de suas leis e regras sociais, o que se verá no capítulo posterior mas que aqui antecipamos pela presente assertiva: “Enquanto a nação sagrada preparava a corporeidade natural do Homem-Deus *individual*, as nações profanas elaboravam o corpo social do Homem-Deus *coletivo*, da Igreja universal”³⁸ (SÁENZ, 2008, p. 120).

Insistirá, portanto, o escritor russo em que este “homem individual” deve pôr-se em harmonia com o “homem coletivo”, e vice-versa, na construção de uma ordem temporal submetida e espelhada à espiritual, o que remete ao aspecto impartível entre fé obras (cf. Tg 2, 26). Caso isto não ocorra, a história passa a ter um fim em si mesma, sendo o homem seu alfa e ômega, como apontado acima por Siegmund ao tratar do marxismo e sua teologia imanente, cujo objetivo é o do paraíso na terra. Soloviev, ciente do alcance de tal heresia, fará coro à Tradição e ao Magistério quanto à necessidade de se combatê-la não somente em sua dimensão pessoal quanto coletiva, posto que o erro nunca abrange apenas o indivíduo mas estende-se, como gangrena, por todo o corpo social (BELLOC, 2009; CIC, 1992). Sendo a compreensão de Cristo distorcida ou má assimilada por alguma heresia, ocasionará *ipso facto* desordem a ambos os corpos. É o que explicita Sáenz:

[...] a verdadeira Cristandade, como escreve Soloviev, concretiza o caminho real entre duas heresias opostas: o liberalismo nestoriano e o pietismo monofisita. A primeira heresia queria separar definitivamente a Igreja do Estado, como Nestório separava em Cristo a humanidade da divindade. A segunda queria que o homem se limitasse à contemplação do divino, abandonando à sua própria sorte o mundo terreno, os estados, as nações; tal é a aplicação social do monofisismo, que fazia com que a natureza humana de Cristo se perdesse em seu ser divino.³⁹ (2008, p. 121)

³⁷ Do latim: Trata-se da *Legem credendi, lex statuat supplicandi*, sincopada em *Lex orandi, lex credendi*: “a lei da oração determina a lei da fé”, ou ainda, “da maneira que se celebra, assim se crê”. Frase atribuída a São Próspero de Aquitânia (séc. V).

³⁸ Mientras la nación sagrada preparaba la corporeidad natural del Hombre-Dios individual, las naciones profanas elaboraban el cuerpo social del Hombre-Dios colectivo, de la Iglesia universal.

³⁹ [...] la verdadera Cristiandad, como escribe Soloviev, concreta el camino real entre dos herejías opuestas: el liberalismo nestoriano y el pietismo monofisita. La primera herejía querría separar definitivamente la Iglesia del Estado, como Nestorio separaba en Cristo la humanidad de la divinidad. La segunda querría que el hombre se limitase a la contemplación del divino, abandonando a su suerte el mundo terreno, los estados, las naciones; tal es la aplicación social del monofisismo, que hacía perderse a la naturaleza humana de Cristo en su ser divino.

De onde a reiteração de S. Agostinho em diversas obras do perigo da liberdade e ainda do direito dados ao erro, hoje postulados por entidades civis e religiosas, incluso a Igreja, sob as terminologias “liberdade de expressão”, “liberdade de culto” e demais “liberdades” (Cf. ROUSSEL, 2012). Em natural oposição a estas heresias, tem-se a Doutrina Católica (Cf. 2 Tim 4, 1-4); onde temos a seguinte conclusão:

Se se sustenta o dogma cristológico em sua plenitude, se manterá sempre o laço íntimo que une o Estado humano com a Igreja de Deus, assim como a humanidade de Cristo está imprescindivelmente unida em sua pessoa com o Verbo divino. Em frase feliz: “O que o sacerdote começa com seu rito misterioso, deve continuar o príncipe secular mediante sua legislação, e o povo fiel deve cumpri-lo em sua vida”.⁴⁰ (SÁENZ, op. cit., loc. cit)

Mais à frente o autor destacará como este espírito herético irá atuar ao modo de uma marca registrada no Anticristo e seu reinado, sendo a heresia, como o é, fruto de um *amor sui* gerador de doutrinas como a do livre exame luterano⁴¹. O Breve relato sobre o Anticristo, mencionando as características do personagem apocalíptico, assim o faz: “Acreditava em tudo isso [o bem, Deus e o Messias], mas só amava a si mesmo. Cria em Deus, mas no mais profundo de sua alma, de uma forma quase inconsciente e instintiva, preferia a si que a Ele”⁴². Observa Sáenz que tal postura essencialmente egocêntrica, “em linguagem agostiniana [...] é o ‘amor *sui*’, anteposto – se não oposto – ao ‘amor *Dei*’, a quintessência do espírito do mundo”⁴³.

Por fim, Fanzaga (2010), em um paralelo entre os protagonistas das obras de Soloviev e Benson, observa que o primeiro o retrata como um ser físico, individual, enquanto o segundo como “[...] a oposição entre duas realidades: uma, maior e mais populosa, consistindo da humanidade ou dos que Benson chama de ‘os humanitários’ que afirmam nada existir superior ao homem e que consideram o homem como Deus.” Deste modo – diz – temos as por assim dizer duas vertentes ou possibilidades

⁴⁰ Si se sostiene el dogma cristológico en su plenitud, se mantendrá siempre el lazo íntimo que une el Estado humano con la Iglesia de Dios, así como la humanidad de Cristo está inescindiblemente unida en su persona con el Verbo divino. En frase feliz: “Lo que el sacerdote comienza con su rito misterioso, debe continuarlo el príncipe secular mediante su legislación, y el pueblo fiel debe cumplirlo en su vida”.

⁴¹ Id, 2011.

⁴² Creía en todo ello, pero tan sólo se amaba a sí mismo. Creía en Dios, pero en lo más profundo de su alma, de una forma casi inconsciente e instintiva, se prefería frente a Él (Id., 2008, p. 142).

⁴³ En lenguaje agustiniano... es el “amor *sui*”, antepuesto – si no opuesto – al “amor *Dei*”, la quintaesencia del espíritu del mundo (Id., 2008, p. 143).

exegéticas com relação a este personagem, que como nos faz ver Sáenz e os autores por ele analisados, não se excluem, antes se completam: a de uma pessoa e a de um sistema. Em ambas, um mesmo projeto: [na expressão de Castellani] o da falsificação do Catolicismo, enfraquecendo-o para lograr sua destruição.

2.3 EM BENSON

O terceiro capítulo intitula-se ROBERT H. BENSON ou A Sedução do Humanitarismo.⁴⁴

O inglês Robert Hugh Benson (1871-1914) foi o menor dos três filhos, todos escritores, de Edward White Benson. Em 1885, é enviado a Eton, onde cursa o bacharelado. Deixa essa casa de estudos com a intenção de ingressar no *Indian Public Service*. Ao não obter êxito, sua família o inscreve no *Trinity College* de Cambridge, onde estuda literatura clássica. Em 1891 decide cursar os estudos teológicos, com a ideia de tornar-se sacerdote anglicano, o que ocorre em 1895. Pouco a pouco, porém, vai se acercando à Igreja Católica. Em 1903, após reflexão, oração e debate, resolve solicitar à Igreja o seu ingresso. Se dirige a Roma, onde é ordenado sacerdote *sub conditione*⁴⁵. Ali teve ocasião de conhecer pessoalmente São Pio X, que logo se converterá em personagem em suas obras literárias.

De Benson possuímos diversas novelas, poesias e escritos espirituais, destacando-se pela pregação e qualidades de conferencista, transcendendo sua fama para além da terra natal. Em 1911 é nomeado Capelão Pontifício. Publica 19 novelas, algumas sobre a origem do cisma inglês, além de livros teológicos como *A Religião do Homem Médio*, *Os Paradoxos do Cristianismo*, *Confissões de um convertido*, *Santo Tomás de Canterbury*. A mais conhecida obra, aqui analisada por Sáenz, é *The Lord of the Word*, *O Senhor do Mundo*, escrita em 1907 e publicada no ano seguinte.

⁴⁴ ROBERT H. BENSON o La Seducción del Humanitarismo.

⁴⁵ Do latim: *sob condição*. Refere-se ao Sacramento que é ministrado apesar de haver suspeitas de algum impedimento que possa torná-lo nulo. Assim que uma ordenação *sub conditione* se realiza em caso de dúvida da existência ou não de uma ordenação anterior válida. Se comprovada a negativa, retira-se a condicional, caso contrário, anula-se o sacramento último. Em relação à Benson, como entendimento comum não há por parte de nenhum segmento protestante válido sacramento da Ordem, sendo assim necessário a todos os “ordenados” conversos, uma nova sagração, o que foi o caso. A este propósito ver: <<http://jscristo.com.br/artigos/legitimidade-e-validade-de-uma-ordenacao-279>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Seu protagonista, Juliano Felsenburgh, o *senhor do mundo*, se apresentará através de um significativo aforismo de sua pena, já uma espécie de programa de governo, reprogramando as massas a uma espécie de eterno retorno nietzscheano a si mesma: “É necessário enorme Fé para renunciar a um Deus transcendente”⁴⁶ (SÁENZ, 2008, p. 167). Encontramos assim, no Anticristo bensoniano, a essência do *ânimos* bíblico, modelo do homem antropocêntrico por excelência: o que diz a si mesmo: “Não mais clamores a um Deus-que-se-esconde, mas ao homem que havia descoberto sua própria divindade”⁴⁷. A conclusão não poderá ser outra que a de um panteísmo absoluto. De onde este personagem, ao ver-se como uma espécie de novo e definitivo Messias, não poupará esforços em colocar o mundo a seus pés, subjugando inicialmente as leis para em seguida erigir-se acima delas, na pretensão de que toda a humanidade lhe preste culto de latria.

Como *modus operandi* adotará o Humanitarismo, uma exaltação, ainda que ilusória, do homem e suas virtudes. Este termo não por acaso evocará um seu homófono, o Humanismo, fundamentação teórica a praticamente toda filosofia moderna, que retomando o paganismo antigo tomará a obra pelo autor, erigindo-a como ídolo (DELISSUS, 1910; SIEGMUND, 1966; OBEID, 2010; SÁENZ, 2011).

Quanto à estratégia político-religiosa de Felsenburgh, esta se utilizará do elemento antropocêntrico traduzido em benemerência filantrópica a fim de implantar o seu Humanitarismo. Passado, porém, determinado tempo no governo das nações, os católicos se atentarão ao fato de não ser a política a que ocupa o primeiro lugar nas preocupações do senhor do mundo, mas o tema religioso, que apresentará através de um evento portentoso, traduzido na substituição da “loucura cristã” [o Credo católico] pelo “Credo da Humanidade”, em que o homem imerso no panteísmo de um mundo satisfeito fará com que a filantropia tome o lugar da caridade, o paraíso na terra substitua a esperança, e a cultura, oferecida como *panis et circenses*, desbanque a fé. Em suma, que o homem seja o protagonista de sua “paz e segurança”, mas às custas de sua liberdade, uma vez que tais ofertas, como salienta o autor, não são as de Cristo, mas do mundo. Tem-se aqui retomada a figura do Inquisidor dostoiévskiano e sua cedência às tentações do deserto⁴⁸.

⁴⁶ “Se necesita una enorme Fe para renunciar a un Dios trascendente.”

⁴⁷ “No más clamores hacia a un Dios-que-se-esconde, sino al hombre que ha conocido su propia divinidad” (Ibid., p. 169).

⁴⁸ Personagem da parábola narrada por Ivan ao irmão Alioscha em *Os Irmãos Karamazov*.

2.4 EM THIBON

O quarto capítulo intitula-se GUSTAVE THIBON ou A Ilusão do Paraíso na Terra.⁴⁹

O filósofo e escritor Gustave Thibon (1903-2001), quatro vezes indicado para o Prêmio Nobel de Literatura, nasceu em Saint-Marcel d'Ardèche, interior francês, de uma família de camponeses. Em 1916, depois de frequentar a escola municipal, se vê forçado a abandonar os estudos para dedicar-se ao trabalho no campo, onde passará uma adolescência agnóstica, alheio às preocupações religiosas. Aos dezoito anos dá-se a paixão pelo conhecimento, lançando-se ao estudo das línguas. Aprende de forma autodidata o latim, grego e alemão, estudando filosofia e teologia, passando ainda pela matemática e biologia.

Sob as influências de escritores como Leon Bloy e Jacques Maritain se converte ao Catolicismo. A convite deste último, inicia sua carreira literária nas páginas da *Thomist Review*. Durante a Segunda Guerra Mundial, conhece a filósofa Simone Weil, de quem publica o trabalho *Da Gravidade à Graça*, em 1947.

A análise de Thibon tem por base o único drama teatral escrito por este: *Vous serez comme des dieux*⁵⁰. Ao introduzi-la, Sáenz principia por citar o próprio filósofo décadas após a obra publicada, quem assim a descreve: “Desejando com todas as suas forças o poder material, o homem o obteve, mas, ao mesmo tempo, cedendo lugar ao homem que se torna seu rival, Deus parece ter-se retirado do mundo”⁵¹ (2008, p. 210). A tônica então passa a ser a do homem cujo conhecimento quase ilimitado da técnica experimenta um sentimento de independência ao nível do endeusamento, traduzido na oferta da imortalidade mas ao preço da própria liberdade, em uma espécie de imortalidade compulsória. Desta forma Amanda, a protagonista do drama, quem com a ajuda da ciência torna-se a primeira criatura a obter sua imortalidade, em dado momento se rebelará contra este grande projeto de paraíso na terra, buscando exercer, pelo livre-arbítrio, seu direito natural à morte a fim de encontrar-se com o Transcendente.

⁴⁹ GUSTAVE THIBON o La Ilusión del Paraíso en la Tierra.

⁵⁰ Vós sereis como deuses.

⁵¹ “Deseando con todas sus fuerzas el poder material, el hombre lo ha obtenido, pero, al mismo tiempo, dejando el lugar al hombre que se vuelve su rival, Dios parece haberse retirado del mundo.”

O elemento antropocêntrico da trama é assinalado pelo progresso, a partir do século XIX, de uma técnica e ciência baseadas na compreensão pelo homem dos elementos da natureza ao ponto de manipulá-los com precisão até então jamais pensada. Tal progresso tecnocientífico o levará de volta à tentação original, a mesma que por determinados períodos da história o fará sentir-se o senhor do mundo (cf. 3.3), como no episódio da Torre de Babel (cf. Gên 1, 1-9). Tal conhecimento permitirá que descubra os segredos da imortalidade, impondo-a, não obstante, a toda a humanidade, em um ponto de inflexão para com o seu livre arbítrio. Em coro a Thibon, observa Fort (1953, p. 21): “A queda narrada na Gênese, não procede absolutamente da tentação do fruto delicioso; tampouco procede da tentação do conhecimento; procede expressamente do *Eritis sicut dii*, a antítese do *Fiat* da Virgem”. Estamos de volta à cobiça do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal até à manipulação e controle da Árvore da Vida, movidas pela ânsia do ser “como deuses”.

A singularidade da abordagem thiboniana, ressalta Sáenz, se dá no contraponto entre imortalidade e eternidade. Pela boca de Amanda, na sentença feita pouco antes de sua morte a sua mãe, e com a que abria mão de sua imortalidade compulsória, lê-se: “Renuncio à imortalidade que tenho, pela eternidade que espero. Com todo o peso desta vida ilimitada que sofro e que renuncio, escolho a morte!”⁵². Desta maneira assim se apresenta o dito contraponto: “O que a vida na terra lhe oferecia era apenas uma mera continuidade ilimitada. Amanda quer renunciar àquele tipo de existência, precisamente porque busca transcendê-lo [...]”⁵³. Tem-se aqui o confronto entre o paraíso terrestre proposto pelos ideais materialistas e o real anunciado por Jesus Cristo em seu Evangelho. Em uma decisão sem retorno a personagem decidirá irredutivelmente pelo segundo: “Que me importa esta vida que não acaba? Eu quero acabar, eu quero realizar-me [...] Nossos avós eram efêmeros e eternos. Nós não morremos porque estamos mortos”⁵⁴, dilema que Sáenz concluirá em um sintético axioma: “Ela não queria existir, queria ser”⁵⁵.

⁵² “Renuncio a la inmortalidad que tengo, por la eternidad que espero. ¡Con todo el peso de esta vida ilimitada que sufro e que rechazo, elijo la muerte!” (op. cit. p. 236).

⁵³ Lo que la vida en la tierra le ofrecía era una mera continuidad ilimitada. Pero semejante vida no podía parir la eternidad. Amanda quiere renunciar a aquel tipo de existencia, precisamente porque busca trascenderlo [...] (Ibid., p. 236).

⁵⁴ “¿Qué me importa esta vida que no acaba? Yo quiero acabar, yo quiero realizarme [...] Nuestros abuelos eran efimeros y eternos. Nosotros no morimos porque estamos muertos.” (Ibid., loc. cit)

⁵⁵ Ella no quería existir, quería ser (Ibid., loc. cit).

2.5 EM PIEPER

O quinto capítulo intitula-se JOSEF PIEPER ou O Apocalipse no Mistério da História.⁵⁶

Josef Pieper (1904-1997) foi um filósofo católico alemão, nascido em uma aldeia da Vestefália onde o pai era o único professor na única escola existente no vilarejo. Pieper frequentou o *gymnasium Paulinum* em Münster, uma das mais tradicionais escolas alemãs. Influenciado por: S. Tomás de Aquino, Aristóteles, Platão, S. Agostinho e C. S. Lewis, doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Münster, exercendo nesta a cátedra de Antropologia Filosófica. Obteve o doutorado *honoris causa* em Teologia pelas universidades de Munique e Münster e em Filosofia pela de Eichstaett. Foi ainda professor visitante em diversas universidades nos EUA, Índia, Japão e Canadá, sendo autor de inúmeras obras sobre Filosofia e Teologia.

O próximo pensador abordará, como o anterior, o papel da ciência e tecnologia em sua estreita ligação com a escatologia, com a particularidade de fazê-lo sob o aspecto do sentido da história. A análise de Sáenz inicia por uma breve crítica de Pieper ao que chamará de falsas escatologias, das que sublinhará três: a de Immanuel Kant (1724-1804), de Teilhard de Chardin (1881-1955) e de Ernst Bloch (1885-1977).

De Kant, quem influenciado pela atmosfera revolucionária⁵⁷ cria naquele momento despontar-se a realização do Reino de Deus na terra, se criticará o otimismo eufórico. Este reino, entretanto – como enfatizará mais tarde os também alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) –, deve necessariamente efetivar-se na terra. Para tal, a *fé eclesiástica*⁵⁸ tem de ser paulatinamente substituída pela *fé religiosa*, que em Kant nada mais é que a da razão pura, arraigada forçosamente de forma geral e particular. Assim a traduz Pieper (apud SÁENZ, 2008, p. 250):

Se a substituição da fé eclesiástica pela fé da razão em algum lugar, como por exemplo, na França da Revolução, conseguiu 'publicamente', isto é, estatalmente, um reconhecimento legal, *então* 'se pode dizer com razão que o reino de Deus chegou a nós'.⁵⁹

⁵⁶ JOSEF PIEPER o El Apocalipsis en el Misterio de la Historia.

⁵⁷ Da revolução francesa (1789-1799).

⁵⁸ Da Igreja Católica.

⁵⁹ Si el desplazamiento de la fe eclesiástica pela fe de la razón en alguna parte, como por ejemplo, en la Francia de la Revolución, ha conseguido «públicamente», esto es, estatalmente, un reconocimiento legal, *entonces* «se puede decir con razón que el reino de Dios ha llegado a nosotros».

Em Chardin e sua escatologia se destacará a ênfase no apocalipse intra-histórico, cujo desfecho se dá com o clímax da evolução do homem ao “Cristo cósmico”, referência maior do panteísmo chardiniano. Diz Pieper acerca deste pensamento:

A matéria se entrelaça em si mesma cada vez mais estreitamente, com maior complexidade e consciência, e neste processo o homem ocupa o último extremo, como ser social que, no fim, parece ser capaz de uma reflexão coletiva cujo objetivo, o ponto ômega da razão, se identifica com o Cristo cósmico universal [...].⁶⁰

De Bloch, essencialmente marxista, temos retomado sob esta ótica o mote do paraíso na terra, de um “Reino de Deus sem Deus”⁶¹. Para alcançar este paraíso de perfeição, contudo, há que agora permitir que o mundo seja transformado pelo socialismo e sua cosmovisão imanente. Resumindo a essência deste pensamento lê-se na presente obra: “Nada de um Deus nas alturas, porque ‘não há e jamais houve ali’. Em realidade, ‘o mundo não possui um além’. De modo que o círculo do esperado terá de limitar-se ao que se pode realizar no mundo”⁶².

Nas críticas de Pieper a tais escatologias, notoriamente influenciadas pelas revoluções francesa e socialista maçônicas (DELASSUS, 1910), que exaltavam e exalavam uma espécie de messianismo intramundano, um elemento se sobressai. Em um mundo onde o fator humano deseja sobrepor-se ao tempo e espaço, surge a **profecia**, elemento indissociável da Revelação, que transcende a humanidade e sem a qual este homem ainda tatearia em densas trevas. É o que temos assim resumido:

[...] o futuro não pode ser previsto em seu concreto o quê, como e quando, com base na experiência, ou no conhecimento do passado, mas somente à luz da profecia, que pertence à essência da teologia da história, anunciando o essencial do acontecer histórico, a realização da salvação e condenação (apud SÁENZ, op. cit., p. 257).⁶³

⁶⁰ La materia se enrolla en sí misma cada vez más estrechamente, con mayor complejidad y conciencia, y en este proceso el hombre ocupa el último extremo, como ser social que, en el término, parece ser capaz de una reflexión colectiva cuyo objetivo, el punto omega de la razón, se identifica con el Cristo cósmico universal [...] (Id., Ibid., p. 251).

⁶¹ Reino de Dios sin Dios (Ibid., p. 252).

⁶² Nada de un Dios en las alturas, porque “no lo hay ni no lo hube jamás allí”. En realidad, “el mundo no posee un más allá”. De modo que el círculo de lo esperable habrá de limitarse a lo que se puede realizar en el mundo (Ibid., loc. cit).

⁶³ [...] el futuro no puede ser previsto en su concreto qué, cómo y cuándo, en base a la experiencia, o al conocimiento del pasado, sino sólo a la luz de la profecía, que pertenece a la esencia de la teología

2.6 EM CASTELLANI

O sexto capítulo intitula-se LEONARDO CASTELLANI ou A Esjatologia como Drama Teológico.⁶⁴

Luis Leonardo Castellani (1899-1981) foi um sacerdote jesuíta, jornalista e escritor argentino. Escreveu ensaios sobre temas religiosos, filosóficos e sócio-políticos, romances, histórias e poesia. Em Santa Fé e Buenos Aires começou intenso trabalho docente nas áreas de espanhol, literatura, história e italiano. Seu primeiro livro *Camperas: Bichos y personas*, recebeu o elogio de Hugo Wast. Fez Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, seguido de Psicologia na Sorbonne, em Paris. Personagem polêmico e controverso, foi suspenso de ordens anos mais tarde, o que influenciou seu pensamento e trabalho subsequentes, não o impedindo de angariar a leitura e o respeito de nomes como os de Hugo Wast, Horácio Caillet-Bois, Enrique von Grolman, Florencio Gamallo e Alfredo Sáenz, dentre outros, alguns com quem contraiu amizade até o fim da vida.

Durante a segunda metade dos anos 1950 colabora com o semanal *Rebeldía*, censurado e posteriormente fechado pela ditadura de Pedro Eugenio Aramburu, o que lhe valeu forte perseguição. Em 1962 e 1963, tem seus livros publicados pelas Edições Paulinas. Finalmente em 1966, é reabilitado integralmente no ministério sacerdotal. Um ano após funda a revista *Jauja*, dirigindo-a durante os três anos de sua existência.

Como aponta o título do presente capítulo, Castellani apresentará a narrativa apocalíptica ao modo de um drama teológico, com enredo, cenários e personagens, introduzidos por uma breve conceituação de alguns de seus constituintes como: tipo e antítipo, estilos proféticos, sinais dos tempos etc.

Desta exposição, sublinhamos o elemento extrínseco da profecia apocalíptica, que para Castellani significa que o fim histórico, ademais de indubitável será consequência de um fator não humano, consonante à Segunda Vinda de Jesus Cristo, não apenas “um grande homem”, como o vê o pensamento moderno, mas “Homem-Deus”. Deste modo, observa Sáenz:

de la historia, anunciando lo esencial del acontecer histórico, la realización de la salvación y condenación.

⁶⁴ LEONARDO CASTELLANI o La Esjatología como Drama Teológico.

Bem assinala Castellani que todo o mundo, ou quase, aceita que Cristo existiu, que nasceu em Belém. Tanto Rousseau como Renan, tanto os modernistas como os judeus o reconhecem como um grande homem de nossa raça, e de certo modo como Deus, sem muito conjecturar se esse modo é o de Ário, o de Nestório, o de Maomé, ou o de Dante e Tomás de Aquino. Mas **o que distingue os verdadeiros cristãos é sua fé na Segunda Vinda**. “Hoje em dia ser verdadeiro cristão é **desesperar de todos os remédios humanos e renegar todos os pseudo-salvadores da Humanidade** que da Reforma para cá surgem continuamente com [suas] panaceias universais”, escreve Castellani (2008, p. 302, grifo nosso).⁶⁵

Temos assim descritos os dois fatores preponderantes com relação à distinção do homem teocêntrico para o antropocêntrico: de um lado a aceitação de Cristo como Deus, que ressuscitou, ascendeu e retornará “do mesmo modo que o vistes ir para o céu” (At 1, 11); de outro, a esperança posta não em pseudo messias e suas “panaceias universais”, mas naquele, único na história, quem se intitulou o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14, 6).

Outrossim, vale notar o que diz Castellani diante do fim catastrófico extrínseco, ao mundo, destinado e profetizado em diversos lugares.⁶⁶ Ali observa que tanto o pessimismo, que desemboca em estados como o da depressão, a apatia, a preguiça, a inércia etc, quanto o otimismo, que produz autossuficiência, soberba, negligência, devassidão etc, são categorias psicológicas, logo, antropocêntricas, inerentes ao homem e nele centradas. A atitude, portanto, teocêntrica, contrapondo à primeira, é a da esperança, alimentada pela fé que se traduz em caridade orante, vigilante e laboral. Concluindo, diz Sáenz ao final do presente capítulo (2008, p. 354):

Acima do pessimismo e otimismo – categorias psicológicas –, o Apocalipse levanta a divisa da *esperança*, que é uma virtude teologal. Como escreve Castellani, o Apocalipse se encontra acima do otimismo e do pessimismo; “é justamente pessimista ao máximo e otimista ao máximo, superando portanto em síntese estas duas posições sentimentais. O processo da *Kali-Yuga* ou Idade Sombria nele é relatado com os termos mais cruéis, mas também, e paralelamente, o processo final da Restauração em Cristo, “dependente não das forças humanas como do poder supra-histórico que governa a História”.⁶⁷

⁶⁵ Bien señala Castellani que todo el mundo, o casi, acepta que Cristo ha existido, ha nacido en Belém. Tanto Rousseau como Renan, tanto los modernistas como los judíos lo reconocen como un gran hombre de nuestra raza, y en cierto modo como Dios, sin concretar mucho si ese modo es el de Arrio, el de Nestorio, el de Mahoma, o el de Dante y Tomás de Aquino. Pero lo que distingue a los verdaderos cristianos es su fe en la Segunda Venida. “Hoy día ser verdadero cristiano es desesperar de todos los remedios humanos y renegar de todos los pseudo-salvadores de la Humanidad que desde la Reforma acá surgen continuamente con panaceas universales”, escribe Castellani.

⁶⁶ Cf. Sl 21, 8s; Isa 24. 66, 15s; Am 5, 6; Mal 3, 2ss; Sof 1, 14-18; 2 Pe 3, 7-12; Ap 6, 12s, Lc 21, 25s; Mt 24, 29.

⁶⁷ Por sobre el pesimismo y el optimismo – categorías psicológicas –, el Apocalipsis levanta la divisa de la *esperanza*, que es una virtud teologal. Como escribe Castellani, el Apocalipsis se encuentra por sobre el optimismo y el pesimismo; “es justamente pesimista al máximo y optimista al máximo, y

2.7 EM WAST

O sétimo e último capítulo intitula-se HUGO WAST ou Temas e Personagens do Apocalipse.⁶⁸

Hugo Wast (1883-1962), pseudônimo literário do argentino Gustavo Martínez Zuviría, foi um dos maiores escritores das Américas, sendo o mais traduzido. Autor de contos, novelas, poemas, crônicas e romances, dos quais se destaca Joana Tabor, 666 e o Sexto Selo⁶⁹, formou-se em Direito e Ciências Sociais, exercendo cargos como o de Ministro da Justiça e Instrução Pública. Foi detentor de diversos títulos honoríficos e prêmios de literatura em mais de um país; membro e Fundador da Academia de Letras argentina; Conselheiro de Honra do Conselho Superior de Investigações Científicas da Espanha e colaborador nas áreas de ciências e cultura de diversos países.

Em 1935 é designado pelo Papa Pio XI Comendador Pontifício da Ordem de São Gregório Magno, pelos méritos de sua vasta obra literária, social e religiosa. Ao morrer, seu corpo é revestido com a batina e faixa da Ordem da Companhia de Jesus.

Por fim, de Wast será mencionada a descrição que faz de um dos personagens de Joana Tabor e 666⁷⁰, que no texto apocalíptico é designado como a Besta da Terra, ou Falso profeta (cf. Ap 13, 11-15; 16, 13). Wast denomina-o Frei Simão de Samaria, da moribunda Ordem dos Gregorianos, e que pelas mãos do Anticristo, Ciro Dan, se tornará Simão I, Papa, cuja peculiaridade é o de ser da mesma nacionalidade do autor. Interessará deste personagem de pretensões megalomaniacas a auto análise que faz de si, quando ainda um simples sacerdote. Com ela, os traços notoriamente centrados na criatura que vendo-se bem dotada, acaba por desconhecer e desprezar a procedência de seus dotes. É de notar que não sem ironia Wast situa esta auto avaliação no que superficialmente poderia ser tomada como uma oração dialogal, mas que não vai além de egocêntrico monólogo (apud SÁENZ, 2008, p. 362-363):

por ende supera por síntesis estas dos posiciones sentimentales. El proceso de la *Kali-Yuga* o Edad Sombría está relatado en Él con los términos más crudos, pero también, y paralelamente, el proceso de la final Restauración en Cristo, “dependiente no de las fuerzas humanas sino de la potencia superhistórica que gobierna la Historia”.

⁶⁸ HUGO WAST o Temas y Personajes del Apocalipsis.

⁶⁹ *Juana Tabor, 666 y el Sexto Sello*. Estas serão as obras de Wast analisadas por Sáenz n'O Fim dos tempos e sete autores modernos.

⁷⁰ Publicados entre 1942-44.

Acreditava sinceramente, ao ponto de conversar com o próprio Deus quando meditava: “Senhor, Senhor, me sinto como Daniel, homem de desejos, *vir desiderium es tu* (cf. Dn 9, 23). Tenho a consciência de que trago comigo todas as energias de uma nova crença. Minha missão é reconciliar o século com a religião no terreno dogmático, político e social. Sinto-me sacerdote até a medula dos ossos; mas tenho recebido do Senhor um segredo divino: a Igreja de hoje não é senão o gérmen da Igreja do porvir, que terá três círculos: no primeiro caberão católicos e protestantes, no segundo judeus e mulçumanos; no terceiro idólatras, pagãos e ainda ateus [...] Começarei só, em mim mesmo, o perfeito reino de Deus [...] Sou o primogênito de uma nova aliança”⁷¹.

O que merecerá de seu superior, Frei Plácido, a seguinte advertência: “Cuidado, Simão, com o amor próprio, cuidado com a soberba. Tal foi o pecado de Lúcifer, uma autoadmiração tal que foi apartando-se da fonte de suas qualidades. Cuidado com o deleitar-se em teus talentos e teu atrativo”⁷². Tal advertência aponta não somente ao cerne da cosmovisão antropocêntrica impregnada no homem desde sua Queda, como, por assim dizer, ao remédio, senão à cura ao menos ao tratamento desta patologia espiritual: a virtude da humildade *sine qua non* se torna impossível o reconhecimento da característica objetivamente contingente das coisas, bem como a da objetivamente necessária do Ser (cf. Lc 1, 46-55).

⁷¹ Lo creía sinceramente, hasta el punto de que lo conversaba con el mismo Dios cuando hacía meditación: “Señor, Señor, me siento como Daniel, hombre de deseos, *vir desiderium es tu* (cf. Dan 9, 23). Tengo la conciencia de que llevo conmigo todas las energías de una nueva creencia. Mi misión es reconciliar al siglo con la religión en el terreno dogmático, político y social. Me siento sacerdote hasta la médula de los huesos; pero tengo recibido del Señor un secreto divino: la Iglesia de hoy no es sino el germen de la Iglesia del porvenir, que tendrá tres círculos: en el primero cabrán católicos y protestantes, en el segundo judíos y musulmanes; en el tercero idólatras, paganos y aun ateos [...] Comenzaré yo solo, en mí mismo, el perfecto reino de Dios [...] Soy el primogénito de una nueva alianza”.

⁷² “Cuidado, Simón, con el amor propio, cuidado con la soberbia. Tal fue el pecado de Lucifer, una autoadmiração tal que fue apartando de la fuente de sus cualidades. Cuidado con el relamerse en tus talentos y tu atractivo” (Ibid., p. 362).

3 A COSMOVISÃO ANTROPOCÊNTRICA NOS TEMPOS FINAIS

Todo ser humano tem direito à **liberdade de pensamento, consciência e religião**;
 Este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença
 e a liberdade de **manifestar essa religião ou crença,**
pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público
 ou em particular.
 (Declaração Universal dos Direitos Humanos - Artigo XVIII, grifos nossos)

“A verdade é a adequação da ideia ao objeto” (Isaac Israeli)

No presente capítulo pretendemos cotejar de que modo o pensamento antropocêntrico, antevisto pelas Escrituras, Tradição e Magistério para os tempos finais como o pensamento predominante centrado nos direitos humanos sobre os divinos, vem logrando cada vez mais espaço no corpo social em via de mão dupla: do indivíduo à sociedade, e desta àquela.

Tomemos inicialmente o Novo Testamento, cujo contexto existente quando de sua composição possuía em muitos aspectos características semelhantes ao nosso (WOODS, 2008; OBEID, 2010; CALMEL, 2016), ao ponto de receber, recentemente por parte de Bento XVI, o epíteto de *neopaganismo*. São Paulo já o vislumbra em sua primeira carta aos Romanos (cf. 1, 18-32), servindo como antítipo ou figura dos dias atuais. É, contudo, em sua segunda carta a Timóteo, discípulo e bispo de Éfeso, que faz a contundente admoestação referente aos tempos finais:

Sabe, porém, isto, que nos últimos dias sobrevirão tempos perigosos; porque haverá homens egoístas, avarentos, altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, malvados, sem afeição, sem paz, caluniadores, incontinentes, desumanos, sem benignidade, traidores, protervos, orgulhosos, e mais amigos dos prazeres do que de Deus. (3, 1-4)

Desta longa adjetivação, é de notar o número de comportamentos inerentes ao predomínio do “eu”: egoísmo, avareza, altivez, soberba/orgulho, desobediência, calúnia, incontinência, maldade, protérvia, características inerentes aos que o apóstolo denominará “mais amigos dos prazeres do que de Deus”. Já em seu discurso escatológico Jesus Cristo faz um paralelo entre a humanidade do porvir com a dos tempos pré-diluvianos, em que: “Comiam e bebiam, tomavam mulheres e davam-se em núpcias” (Lc 17, 27). Destas e outras advertências encontradas nas Escrituras um mesmo elemento parece sobressair-se, este é o da censura à obediência à *voluntas*

nostrae em detrimento à *voluntas Tua*, característico dos que se enquadram no rol paulino acima.

Sobre essa passagem escatológica de S. Lucas, especialmente no que concerne ao Anticristo, quem promoverá a libertinagem hedonista a níveis nunca vistos, encontramos no dominicano S. Vicente Ferrer a profecia abaixo:

[...] dará grandes honras aos cavaleiros, e grandes dignidades aos eclesiásticos, e lhes dará um grande poder sobre muitas coisas da terra, para que assim tenham eles lugar e poder de pôr em execução todos os pecados e vícios deste mundo, a saber, bem comer e bem beber, e fazer luxúrias e carnalidades [...] (FERRER, 2018, p. 55).

O também dominicano S. Tomás de Aquino, em seu Comentário a Tessalonicenses (2015, p. 139), dois séculos antes observava:

Com efeito, a soberba do Anticristo é maior do que a de todos os precedentes. Por isso, como se lê sobre Caio César, que quando ainda vivo quis ser adorado, pondo uma estátua sua em certo templo, e [como] se diz em Ezequiel (28,8) sobre o rei de Tiro: *disseste: Eu sou Deus*, assim é crível que o Anticristo faça o mesmo, dizendo ser Deus e homem.

Por fim, S. Pio X, no início do século passado assim colocava a questão da ascensão desse personagem, com base no observado na sociedade de sua época:

Quem pesa estas coisas tem direito de temer que uma tal perversão dos espíritos seja o começo dos males anunciados para o fim dos tempos, e como que a sua tomada de contacto com a terra, e que verdadeiramente o filho de perdição de que fala o Apóstolo (2 Tess 2,3) já tenha feito o seu advento entre nós, tamanha é a audácia e tamanha a sanha com que por toda parte se lança o ataque à religião, com que se investe contra os dogmas da fé, com que se tende obstinadamente a aniquilar toda a relação do homem com a Divindade! (PIO X, 1903, não paginado, ESA 6).

O período em que foi escrita esta Encíclica é o da heresia modernista [Modernismo], no dizer do mesmo Papa quatro anos mais tarde⁷³, o conjunto de todas as heresias existentes até então. Em seu bojo e como fundamento desta heresia maximamente antropocêntrica, tem-se o Liberalismo ou pensamento liberal notoriamente idealizado, difundido e mantido pelas sociedades maçônicas [DELASSUS, 1910 – elogiado pelos papas Leão XIII e Pio X pelo presente trabalho], justificando assim o paralelo com a doutrina católica, sendo ambas justas e precisas

⁷³ Id, 1907.

exemplificações das incompatíveis cosmovisões antropocêntrica e teocêntrica: “Assim, enquanto a liberdade católica é uma força regrada pela razão e pela fé, canalizada e dirigida pela lei e pela autoridade, a liberdade ‘liberal’ torna-se sinônimo de independência mais ou menos absoluta em relação à regra, à autoridade, à lei [...]” (ROUSSEL, 2012, p. 16).

O Liberalismo, conforme nos apontam em algumas de suas obras autores como Roussel, Obeid, Dostoiévski, Chesterton, Sáenz e outros, parte do princípio do Homem como medida de todas as coisas, princípio e fim de si mesmo. São Paulo, ao designar o Anticristo como *anthrōpos tēs anomias*, o Homem sem lei (cf. 2 Tes 2, 3), e Jesus, ao dizer que aquele, quando surja, virá não em nome de Deus, mas em seu próprio nome, sendo que desta forma o receberão os homens sedentos da glória humana (cf. Jo 5, 39-44), apontam, ao que tudo indica, na direção de alguém que não somente crê possuir a divindade em si mesmo, estando, naturalmente, acima das leis, como que conduzirá a humanidade a semelhante caminho, graças especialmente à apostasia precedente, em boa medida atuando em nossos dias.

O pensamento liberal, integrante, por exemplo, do trinômio revolucionário *libertè, egalitè, fraternitè*, tem, no entanto, sua base em outro princípio, o pensamento gnóstico. Em função dos limites impostos, tomaremos de Souza (2013, p. 39) o necessário ao entendimento deste princípio em consonância com nosso tema:

A gnose postula que os homens são uma centelha (as partes) integrante do Universo (o Todo), sendo as primeiras essencialmente partícipes do Todo divino. Esse Todo ao conectar as partes o faz de diversos modos, incluindo o que aqui se anuncia em Jung. Expressões como, p. ex., “aldeia global”, ao pensamento panteísta e gnóstico recebe tal conotação, a de partes de um mesmo Todo conectadas inseparável e irremediavelmente.

Daí que ao pensamento gnóstico-panteísta o modelo de verdade a ser defendido será o de uma verdade subjetiva e coletiva, pois resulta da união das várias *partes* possuidoras da “verdade universal” (cf. FEDELI, 2011). Não há que falar, por isso, em uma verdade objetiva extrínseca ao homem; por ser ele uma “centelha divina”, espécie de microdeus, a verdade não estará fora de si, mas dentro [...]

Crendo-se, portanto, o homem um ser divino, mas não como revelado (cf. Sl 8), ao tempo em que a realidade o mostra limitado e contingente, terá, a exemplo do casal edênico, de apelar a forças superiores a si a fim de obter a divindade almejada. Fedeli (2011) observa que tal atitude, como outrora, descambará necessariamente em magia e satanismo, próprios da mentalidade gnóstica e panteísta. Não por acaso se verá, a partir do renascimento da cultura pagã, o cada vez crescente incentivo ao culto das

“forças ocultas”, da magia, a astrologia, o esoterismo, bem como as diversas formas de divinização das forças da natureza e do homem, o que não faltam em exemplos pelo mundo inteiro (cf. SANAHUJA, 2003), dos quais um dos mais recentes e emblemáticos é o da blasfema cerimônia de inauguração do túnel de São Gotardo na Suíça, em 01/06/2016, na que líderes políticos [poder temporal] e religiosos [poder espiritual] ali ofereciam, ainda que tacitamente, seu aval. Desses dirá Dostoiévski (apud SÁENZ, 2008, p. 84): “O homem não pode viver sem ajoelhar-se, não se suportaria, ninguém seria capaz disso. E se a Deus se rejeita, ante um ídolo se inclina, de madeira, de ouro, ou imaginário. Idólatras são todos, não ateus”⁷⁴.

São Pio X, na encíclica supra citada via nas situações concretas que despontavam na sociedade europeia de então, o que de alguma forma parecia ser o cumprimento das profecias tanto escriturísticas quanto privadas sobre o fim dos tempos, algumas das quais aqui mencionadas. Assim exprimia sua apreensão:

Nos nossos dias, sobejamente verdadeiro é que as nações fremiram e os povos meditaram projetos insensatos (Sl 2,1) contra o seu Criador; e quase comum se tornou este grito dos seus inimigos: Retirai-vos de nós (Job 21,14). Daí, na maioria, uma rejeição completa de todo o respeito de Deus. Daí hábitos de vida, tanto privada como publica, em que nenhuma conta se faz da soberania de Deus. Bem mais, não há esforço nem artifício que se não ponha por obra para abolir inteiramente a lembrança d’Ele, e até a sua noção (PIO X, op. cit., 5).

Quanto à dimensão deste projeto de paraíso terrestre, apontado sob matizes diversos pelos autores analisados por Sáenz e que em sua nova e definitiva versão vem sendo arquitetado há pelo menos quinhentos anos, é de pretensões claramente universais (DELASSUS, 1910; SÁENZ, 2007; OBEID, 2010; Roussel, 2012; SANAHUJA, 2003; 2012). Assim, podemos vislumbrar algo deste universalismo através da revolução cultural e linguística de cunho gramsciano⁷⁵, em marcha e a pleno vapor nos dias atuais.

Não por acaso nomenclaturas como: Nossa Diversidade Criativa: Uma Ética Global para a Governança Global; Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural; Carta da Terra e a Ética Planetária, sintomaticamente inseridas em e propagadas por organismos ligados à Organização das Nações Unidas (com seus órgãos membros

⁷⁴ El hombre no puede vivir sin arrodillarse, no se soportaría, ninguno sería capaz de ello. Y si a Dios rechaza, ante un ídolo se inclina, de madera, de oro, o imaginario. Idólatras son todos, no ateos.

⁷⁵ Idealizada pelo pensador marxista italiano Antônio Gramsci (1891-1937).

como a Unesco⁷⁶, Unicef⁷⁷, OMS⁷⁸ etc), possuem estreita ligação com a Nova Ordem Mundial (*New World Order*)⁷⁹ de sintética terminologia, mas complexa semântica. Esta intrincada engrenagem, nos diz Sanahuja⁸⁰, através de inúmeros artifícios implantados, legal ou ilegalmente, como os do divórcio, o aborto, a eutanásia, a ideologia de gênero, o feminismo etc, será a responsável por erradicar, ou antes adulterar, a considerada *old order*, a velha ordem legada pelo Cristianismo, notoriamente a Igreja Católica responsável pela construção da civilização Ocidental (WOODS JUNIOR, 2008).

Os exemplos abaixo fornecidos, alguns dos quais já apontados na Introdução deste trabalho, conferirão o desvelo, ao menos epidérmico, do pano de fundo de grande parte das leis e costumes que vêm sendo implantados, sincronicamente ao modo de uma rede, mundo afora. Diferentemente daqueles, estes não se darão pela via dos fatos concretos [consequências], mas do suporte teórico que os engendra [causas]. Ao aprofundar sua leitura veremos que o que se apresenta a nós como um processo natural de evolução e progresso das sociedades não passa de programado câmbio de cosmovisão. A imagem não pode deixar de evocar as duas cidades de Santo Agostinho, que ao tempo em que convivem, coabitam como o joio e o trigo da parábola (Cf. Mt 13, 24-46), intentando todo o tempo sobrepor-se uma à outra a fim de lograr seus objetivos, naturalmente antagônicos. Em frase do mesmo Agostinho resume-se o histórico embate e ainda a questão central deste trabalho: “Dois amores erigiram duas cidades, Babilônia e Jerusalém: aquela é o amor de si até ao desprezo de Deus; esta, o amor de Deus até ao desprezo de si” (**A Cidade de Deus**, v. 2, L. XIV, XXVIII).

Iniciaremos assim pelos Protocolos dos Sábios de Sião (2001, p. 33). Nele, a bimilenar aversão aos cristãos e à Igreja pelo segmento judaico que não recebeu a Cristo como seu messias, aversão esta já descrita em todo o Novo Testamento⁸¹:

Em *La Libre Parole* de Paris, no número de novembro de 1933, a página 27, encontra-se este pedacinho notável:

“Durante séculos – dizia o Rabino Reichhorn em 1869 – os Filhos de Israel, desprezados e perseguidos, trabalharam para abrir o caminho do poder. Chegam a meta. Controlam a vida econômica dos malditos cristãos e sua influência é preponderante sobre a política e os costumes. Na hora que

⁷⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁷⁷ Fundo das Nações Unidas para a Infância.

⁷⁸ Organização Mundial de Saúde.

⁷⁹ Por sua vez, produto da Nova Era (*New Age*).

⁸⁰ Op. cit.

⁸¹ Cf. Mt 27, 40; At 2, 22s; 1 Cor 1, 22s; Ap 11,7s.

quiserem, de antemão fixada, desencadearão a revolução que arruinando todas as classes da cristandade, escravizará definitivamente os cristãos. Assim se cumprirá a promessa de Deus feita a seu povo”.

O segundo o extraímos do afamado “Relatório Kissinger” (SCALA, 2004, p. 337), uma estratégia de controle populacional cujas principais metas têm como alvo a família nos moldes tradicionais:

O “status” e a utilização das mulheres nas sociedades dos países menos desenvolvidos são particularmente importantes na redução do tamanho da família. Para as mulheres, o emprego fora do lar oferece uma alternativa para o casamento e maternidade precoces, e incentiva a mulher a ter menos filhos após o casamento. A mulher que deve ficar em casa para cuidar de seus filhos tem que renunciar à renda que poderia ganhar fora do lar. As pesquisas mostram que o emprego remunerado da mulher fora do lar está relacionado com a redução da fertilidade (NSSM 200, Implications of Worldwide Population Growth for US Security and Overseas Interests p. 151).

Por fim, Gueydan de Roussel (apud OBEID, 2010, p. 226-227, tradução livre), ao falar da estratégia de secularização da sociedade com a consequente divinização do homem e suas etapas, aqui nos aponta uma delas, sintomática dos dias atuais em que elementos esotéricos como o da exaltação à Mãe Terra, pertencentes à *New Age*, estão em voga:

O Renascimento havia divinizado a natureza, sem dar-lhe ainda atributos divinos. Humanistas como Bodin, Montaigne ou Charron falam dela como uma benfeitora divina, mas somente nos séculos XVII e XVIII é que se converterá em um deus soberano, e terá o poder de criar e de regenerar. Hobbes pôs a natureza sobre o trono – “Deus é o rei dos reis pela Natureza” (Prefácio de *De Cine*) –, a fim de explicar a origem da justiça do príncipe: “A fonte e origem da justiça está na lei da Natureza” dizem no *Leviatã*. Um século mais tarde, Louis-Sébastien Mercier confirmará: “Então a justiça falou pela voz da Natureza, soberana legisladora, mãe das virtudes e de tudo o que é bom sobre a terra” (An. 2440, Londres, 1776, p.72); Morelly redigirá seu famoso *Código da Natureza* (1775), e d’Holbach seu *Catecismo da Natureza* (1790). Além disso, vimos como a natureza se tornou uma fonte de justiça, tomando o lugar de Cristo⁸²,

⁸² El Renacimiento había divinizado la naturaleza, sin darle todavía atributos divinos. Humanistas como Bodín, Montaigne o Charrón hablan de ella como una benefactora divina, pero será solamente en los siglos XVII y XVIII que se convertirá en un dios soberano, y tendrá el poder de crear y de regenerar. Hobbes puso la naturaleza sobre el trono – “Dios es el rey de los reyes por la Naturaleza” (Prefácio de *De Cine*) –, a fin de explicar el origen de la justicia del príncipe: “La fuente y origen de la justicia está en la ley de la Naturaleza” dicen en el *Leviatán*. Un siglo más tarde, Luis Sebastián Mercier confirmará: “Entonces la justicia habló por la voz de la Naturaleza, soberana legisladora, madre de las virtudes y de todo lo que es bueno sobre la tierra” (An. 2440, Londres, 1776, p.72); Morelly redactará su famoso *Código de la Naturaleza* (1775), y d’Holbach su *Catecismo de la Naturaleza* (1790). Aparte hemos visto cómo la Naturaleza se convirtió en fuente de Justicia, tomando el lugar de Cristo.

o que hoje se dá de forma ainda mais explícita com nações oriundas da civilização cristã como a França, Espanha, México, Chile, Argentina e mesmo o Brasil, desfazendo-se de seus valores e símbolos cristãos em nome de um estado laico que se confunde com laicismo. Não será difícil deste modo entender os câmbios cada vez mais céleres rumo a um endeusamento do homem ou da natureza, seja através do culto ao corpo, à terra, ou incluso aos animais, vegetais e minerais: é o ἀνθρωπός tomando por fim o lugar d' O Θεός.

Concluamos assim este capítulo com Sáenz (2008, pp. 324-325):

Muitos creem que o liberalismo está nas antípodas do comunismo. Nada mais longe da realidade já que, como o demonstrou tenazmente Dostoiévski, o segundo, esse espírito anfíbio que sai da boca da Besta, é filho do primeiro. Tanto o liberalismo como o marxismo tem todas as características de uma religião. Mas se acaso não ficar claro, o modernismo, que aos olhos de Castellani é o fundo comum daquelas duas ideologias contrárias, ainda que não contraditórias, algum dia as unirá estreitamente pela obra do Pseudopofeta. “O ‘coaxar’ do liberalismo é ‘liberdade, liberdade, liberdade’; o ‘coaxar’ do comunismo é ‘justiça social’; o ‘coaxar’ do modernismo, de onde nasceram os outros e os reunirá um dia, poderíamos apontar-lhe este: ‘Paraíso na terra’; Deus é o Homem; o homem é Deus”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese a envergadura de um tema desta natureza, intentamos aqui oferecer elementos que pudessem contribuir ao debate, e neste sentido deixar em aberto a discussão de seus desdobramentos, como a verificação das consequências da incidência deste pensamento no corpo social (economia, política, cultura etc) e espiritual (religiões, cultos, relação com Deus), bem como possíveis soluções ao nível de contraponto à esta cosmovisão antropocêntrica, que pelos frutos pode-se considerar de má cepa.

Há pouco mais de uma centúria os livros de literatura falavam-nos de um “mal do século”, que passou a incidir sobre a sociedade, maximamente aos de temperamento melancólico e fleumático, como por exemplo os artistas. Este “mal” não era outra coisa que a depressão, cuja consequência, não raro, se traduzia no suicídio, ou abandono aos vícios os mais diversos, o que acabava por produzir efeito idêntico. Em nosso país notórios foram os casos de escritores como Lima Barreto (1881-1922), ou inventores como Santos Dumont (1873-1932). À guisa de exemplo, temos em uma canção popular, *Chatterton*, o que segue: “Chatterton suicidou, Kurt Cobain suicidou, Getúlio Vargas suicidou, Nietzsche enlouqueceu, e eu não vou nada bem”. Na atualidade esse mal vem associado a diversas neuropatologias como a da síndrome do pânico, a bipolaridade, a esquizofrenia, o autismo, sem falar nos diversos transtornos psicológicos como os ligados à crise de identidade em muitos casos urdida pela nefasta ideologia de gênero fruto do pensamento liberal e modernista, que aqui se vale do princípio do livre exame luterano na difusão do mote “tudo vale a pena quando a alma não é pequena” (F. Pessoa).

Tudo isso, se não lograr a dissipação da vida, acabará por produzir um comportamento assaz egocêntrico traduzido em um, digamos, intimismo, um fechar-se em si permitindo o homem em seu círculo de amizades somente aqueles com quem seja possível relacionar-se virtualmente, inclusive a nível sexual (sic!). Destes fazem parte as “amizades” cibernéticas ou eletrônicas como os *games*, *internet*, *iphones*, robôs diversos etc. Sintomático é o exemplo fornecido no ANEXO A, em que o homem confere *cidadania* a um robô, o mesmo que, imitando a arte, anunciava como parte do rol de sua programação o extermínio ou a simples redução da humanidade, em uma

macabra paródia atualizada de mitos como Édipo Rei, ou ficções como a de Frankenstein, Ex-Machina entre outros.

Contraditória mas compreensivelmente a criatura, ao passo que se rebela contra o Criador, na frustrada tentativa de pôr-se em seu lugar, ou – em uma espécie de eterna imaturidade – recusando a colocar-se sob a tutela divina, acaba por suprimir o que mais apregoa e exalta: sua dignidade humana.

Embora não sendo o aspecto central deste trabalho, nos permitiremos uma sucinta mas imperiosa digressão sobre a observação inicial de Ratzinger com relação ao “programado esquecimento” do tema do fim dos tempos, pertencente à escatologia, de modo especial pela Igreja Católica, o que acabou por conferir a diversos segmentos acatólicos a primazia sobre matéria pertencente à jurisprudência eclesiástica, posto que à Igreja compete a palavra sobre Fé e Moral.

Esta nota consiste em que, ao se negligenciar os *Novíssimi*, as últimas coisas, caiu-se na tentação, naturalmente antievangélica (cf. Mt 24, 22), de um alargamento da história na busca indefinida de soluções ao problema do sentido da vida pela via do fruto proibido, como apontado por vários dos autores analisados por Sáenz. Então já não há, por exemplo, inferno ou purgatório, porquanto não há pecado; sequer há um Deus que cria e salva, porquanto o homem é seu próprio artífice e salvador, sendo ele nada menos que a centelha divina em curso (o que merecerá a arguta observação de Chesterton para quem esta categoria de homem se assemelha ao devedor que recusando-se a pagar a dívida contraída equaciona a questão negando que exista um credor, o que não extinguirá, elementar, de nenhuma forma o débito); ou ainda, em havendo um Deus que salva e condena, não há com o que se preocupar com um juízo iminente, uma vez que ninguém sabe o dia e a hora, abandonando-se a um relaxamento contínuo e crescente no trato com o Ser Supremo, tal como magistralmente ilustrado por Michelangelo e seu A Criação de Adão: é a vitória da misericórdia sobre a justiça.

Daí que ao optar por uma análise dos autores supracitados, a maioria dos quais pouco familiarizados de nosso público lusófono, Sáenz nos presta um não pequeno serviço na abordagem deste tema “frequentemente objeto de meras fantasias e também de programado esquecimento”. Sua colcha de retalhos permite ao homem cômico de seu ser contingente, bem como da lógica e razoável existência de um Ser necessário desprovido de suas limitações, compreender a racionalidade de se

reconhecer e render culto a este Ser que é sua causa, o que em nada diminui sua dignidade, ao contrário, eleva-a.

Santo Agostinho nos diz que o erro não deve ter direitos ou liberdades, posto que se a ele for dado livre curso acabará por suprimir a verdade, a bondade e a beleza. Disso se infere que a liberdade foi-nos obsequiada não sem as devidas margens limítrofes, dada a condição fronteira da própria criação: “Come de tôdas as árvores do paraíso, *mas não [...], porque [...]*” (Gên 2, 16s, grifo nosso). Na ânsia de romper as barreiras movido pela instigação sibilina, o homem deixa de reconhecer e admitir a matéria com a qual foi feito, que extraída “do pó da terra”, situa-se embaixo, não obstante estar acima das demais criaturas materiais, composto que é de alma imortal à diferença dos animais irracionais, dos vegetais e minerais inanimados. Deste modo, cedendo à desobediência soberba ao dar livre curso a seus erros passionais acabará, cedo ou tarde, ainda que contrariado, por admitir que errou ao utilizar mal sua liberdade, ou, do contrário, morrer em sua obstinação.

Assim que através de sucinto e modesto pincelar da obra *O fim dos tempos* e sete autores modernos, de Alfredo Sáenz, acreditamos ter logrado o que nos propusemos neste trabalho, o de oportunizar, à luz da referida obra, a compreensão basilar da cosmovisão antropocêntrica em geral e de que forma se manifesta em nossos dias. Deste modo, retomemos à personagem thiboniana Amanda de *Vous serez comme des dieux*. Recusando-se à uma liberdade compulsória, onde a imortalidade se dissociava da eternidade; onde o paraíso na terra não passava de ilusão e arremedo; onde ainda não podia ser considerada responsável por seus atos, Amanda escolhe o direito à morte para seguir viva, o que nos põe diante das palavras daquele que não veio em seu próprio nome, conferindo ao homem a sua dignidade no reconhecimento de seus limites: “Pois, que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?” (Mc 8, 36).

Dado que a realidade objetiva é que nos confere a verdade (Israel), tal reconhecimento, traduzido na admissão de nossa contingência, é que dirá não estarmos no centro por não sermos, para ficar nestes, nem onipresentes, nem oniscientes ou onipotentes. Se a ideia se adequar a esta verdade, poderá então o homem viver na humilde, tranquila e confiante certeza de que é, por essência, dependente. Mas dependente de um Deus que se fez Homem, e que habitou entre nós.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira religião**. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook%20Dell/Downloads/Sto%20Agostinho_A%20Verdadeira%20Religião.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Comentário a Tessalonicenses**: Edição bilíngue. Porto Alegre: Concreta, 2015. 175 p. Tradução de Tiago Gadotti.
- BENTO XVI; SEEWALD, Peter. **Luz do mundo**: o papa, a igreja e os sinais dos tempos - uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BENSON, Roberto Hugh. **O Senhor do mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1930. 436 p. Tradução autorizada por F.L.
- CALDERÓN, Padre Álvaro. **Prometeo, la religión del hombre**: ensayo de una herméutica del Concilio Vaticano II. Buenos Aires: Río Reconquista, 2010. 324 p.
- CALMEL, Padre Roger. **Teología de la Historia**: una exhortación ante la angustia de nuestro tiempo. Buenos Aires: Río Reconquista, 2016. 186 p.
- CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>. Acesso em: 02 set. 2018.
- CASTELLANI, Leonardo. **El apokalypsis de San Juan**. 5. ed. Buenos Aires: Vórtice, 2005. 299 p. Disponível em: <<http://www.ajm.org.ar/biblioteca/LeonardoCastellani-EI%20Apokalypsis%20De%20San%20Juan.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.
- _____. **Cristo ¿vuelve o no vuelve?** 3. ed. Buenos Aires: Vórtice, 2004. 289 p.
- CHESTERTON, G. K. **O homem eterno**. Campinas: Ecclesiae/Cedet, 2014. 326 p. Tradução de Ronald Robson.
- CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- FANZAGA, Padre Lívio. **Uma comparação entre os Anticristos de Vladimir Soloviev e Robert Benson**. Disponível em: <<http://speminaliumnunquam.blogspot.com.br/2010/05/uma-comparacao-entre-os-anticristos-de.html>>. Acesso em 15 ago. 2018.
- FEDELI, Orlando. **Antropoteísmo**: A religião do homem. São Paulo: Celta, 2011.
- FERRER, São Vicente. **Sermões de São Vicente Ferrer**: o Anticristo e o Juízo Final. Matias Barbosa-MG: Martyria, 2018. 124 p. Transcrição, tradução, adaptação e notas de Javier O. Ravasi. Tradução e notas de Airton Vieira.

FORT, Gertrud von Le. **A mulher eterna: a mulher no tempo, a mulher fora do tempo.** Rio de Janeiro: Agir, 1953. 158 p. Tradução de José Geraldo Vieira. Disponível em: <<http://alexandriacatolica.blogspot.com>>. Acesso em: 08 out. 2018.

HOUSSEL, Pe. Augustin. **Liberalismo e catolicismo.** Nova Friburgo/RJ: Ed. Mosteiro Santa Cruz, 2012. 158 p. Tradução de Adilson Soares de Almeida.

KLOPPENBURG, Dom Boaventura. **Igreja e Maçonaria: conciliação possível?.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1992. 272 p.

LANÚS, Santiago. **Madre de Dios y Madre nuestra: Fátima, Ámsterdam y Garabandal.** Espanha: S. L. Gaudete, 2013.

MATTEI, Roberto de. **O Concílio vaticano II: Uma história nunca escrita.** São Paulo: Ambientes e Costumes, 2013. 527 p. Tradução de Maria José Figueiredo.

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO: Texto original completo. São Paulo: Centauro, 2003. 150 p. Tradução de Paulo Ferreira Leite.

OBEID, Rafael Luis Breide. **Teología política según Gueydan de Roussel.** Buenos Aires: Gladius, 2010. 308 p.

PIO X. **Carta Encíclica E. *Supremi Apostolatus*.** Vaticano: 1903. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-x/la/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_04101903_e-supremi.html> [Disponível em português em: <<https://www.veritatis.com.br/e-supremi-apostolatus-pio-x-04-10-1903/>>]. Acesso em 08 nov. 2018.

_____. **Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*.** Vaticano: 1907. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html>. Acesso em 08 nov. 2018.

SÁENZ, Alfredo. **El fin de los tiempos y siete autores modernos.** 4. ed. Buenos Aires: Gladius, 2008. 387 p.

_____. **La Cristiandad y su Cosmovisión.** 2. ed. Buenos Aires: Gladius, 2007. 396 p.

_____. **La reforma protestante.** Buenos Aires: Gladius, 2011. 482 p. (La nave y las tempestades). Tomo 6.

SANAHUJA, Juan Claudio. **El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional.** Buenos Aires: Vórtice, 2003.

_____. **Poder global e religião universal.** Campinas: Katechesis/Ecclesiae, 2012. 205 p. Tradução de Liège Carvalho.

SCALA, Jorge. **IPPF: A multinacional da morte.** Anápolis: Múltipla Gráfica e Editora, 2004. 418 p. Tradução de Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz.

SIEGMUND, Georg. **O Ateísmo moderno**: história e psicanálise. São Paulo: Loyola, 1966. 381 p. Tradução de Bruno Rabuske e Frederico Laufer.

SOLOVIEV, Vladimir. **Breve história sobre o anticristo**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2016. 64 p. Traduzido do espanhol Breve relato sobre el Anticristo.

SOUZA, Airton Vieira de. **Beber, cair e levantar**: um olhar sobre o discurso “forrozeiro” no município de Pacaraima. 2013. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras com Habilitação em Espanhol) – Universidade Estadual de Roraima, Pacaraima, 2013. [Orientador: Prof. Esp. Antônio Hilário da Silva Filho].

WOODS JUNIOR, Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008. 222 p. Tradução de Élcio Carillo.

ANEXO A – Arábia Saudita torna-se primeiro país a conceder cidadania para um robô

GALILEU TECNOLOGIA TECNOLOGIA

ARÁBIA SAUDITA TORNA-SE PRIMEIRO PAÍS A CONCEDER CIDADANIA PARA UM ROBÔ

A história da robô Sophia parece o enredo de 'Ex-Machina', mas é vida real



A ROBÔ SOPHIA DURANTE O EVENTO EM QUE SOUBE DE SUA CIDADANIA (FOTO: REPRODUÇÃO/YOUTUBE)

Sophia agora é oficialmente uma cidadã da Arábia Saudita. Só há um porém: ela é um robô comandado por inteligência artificial. Criada pela Hanson Robotics, empresa baseada em Hong Kong, a máquina

recebeu a notícia durante o fórum Future Investment Initiative, na Arábia Saudita, que reúne investidores e desenvolvedores do mundo inteiro.

No palco do FII, ao ouvir "você é a primeira robô a receber cidadania da Arábia Saudita", Sophia **respondeu**: "Estou muito orgulhosa de receber essa distinção única. Ser reconhecida como a primeira robô no mundo com uma cidadania é algo histórico".

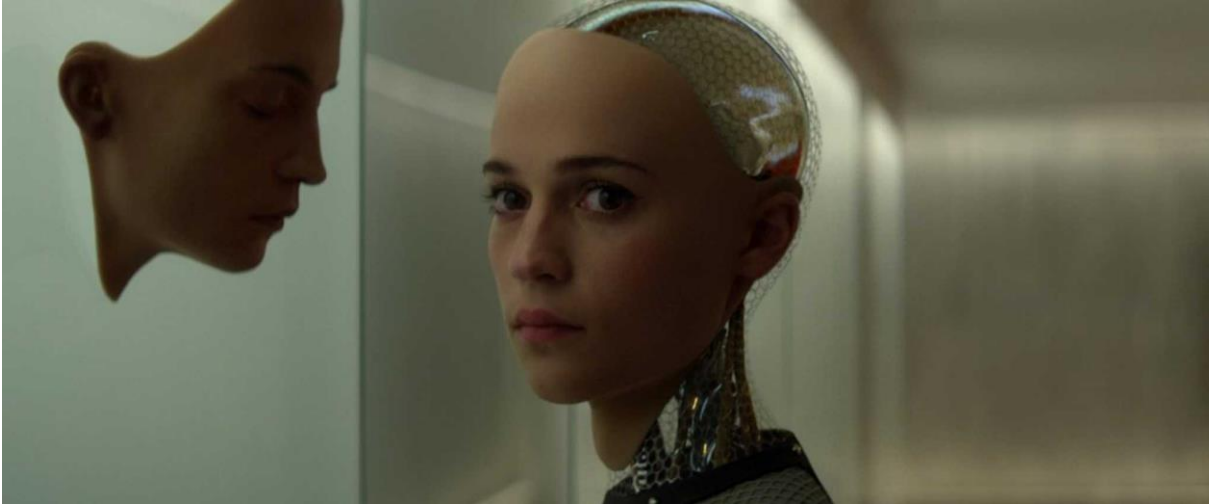
"Sophia é uma robô social e tem um programa de inteligência artificial por meio do qual consegue processar dados visuais, como a visualização do rosto das pessoas, suas emoções, o que a permite criar suas próprias relações com os humanos", explicou seu criador, David Hanson, em **entrevista** ao *The Tonight Show*.

Leia

também:

+ Motos voadoras e robôs são as novas armas da polícia de Dubai
+ Robô é desenvolvido para realizar sessões de terapia

Segundo Hanson, a aparência da robô foi inspirada nos rostos de sua esposa e da atriz Audrey Hepburn. Vale ainda ressaltar que Sophia lembra bastante Ava, personagem robô do filme *Ex-Machina: Instinto Artificial*, que aborda o que aconteceria se uma máquina do tipo ganhasse consciência.



AVA EM 'EX-MACHINA' (FOTO: DIVULGAÇÃO)

Ganhar a cidadania faz com que a robô tenha mais direitos do que as mulheres da Arábia Saudita, como a possibilidade de se locomover sem um guardião do sexo masculino que lhe dê permissão para agir e de se apresentar sem estar com o rosto e o corpo cobertos. Recentemente, o país concedeu às mulheres o direito de dirigir e de assistir eventos esportivos em estádio.

*Curte o conteúdo da GALILEU? Tem mais da onde ele veio: **baixe o app da Globo Mais** para ver reportagens exclusivas e ficar por dentro de todas as publicações da Editora Globo. Você também pode **assinar a revista**, por R\$ 4,90 e **baixar o app da GALILEU**.*

Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/10/arabia-saudita-torna-se-primeiro-pais-conceder-cidadania-para-um-robo.html>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ANEXO B – ‘Não é ético ter filhos biológicos’: o que pensa uma adepta do Antinatalismo

News Brasil

BBC News Brasil Navegação

'NÃO É ÉTICO TER FILHOS BIOLÓGICOS': O QUE PENSA UMA ADEPTA DO ANTINATALISMO

Irene Hernández Velasco Enviada especial da BBC Mundo a Madri, na Espanha

14 abril 2018..



Image caption. Segundo a espanhola Audrey García, decisão de ter filhos biológicos pode prejudicar o planeta, especialmente considerando a opção de adotar crianças

O mundo está cheio de casais dispostos a gastar bastante dinheiro e submeter-se a tratamentos médicos às vezes difíceis para conseguir tornar realidade seu sonho de ter filhos.

Há pessoas, no entanto, que pensam justamente o contrário: que trazer novas vidas a um mundo superpovoado e com recursos limitados seria "uma falta de responsabilidade".

A espanhola Audrey García, de 39 anos, é uma das que dizem ter motivos fortes para escolher não gerar descendentes.

- **'É um erro trazer novos seres humanos ao mundo': a polêmica filosofia antirreprodução de David Benatar**
- **'Quero fim digno', diz médica que anunciou suicídio assistido após 34 internações em UTI**

Desde adolescente ela pensava em não ter filhos. Aos 20 anos, no entanto, diz que a ideia se confirmou, por achar que "não é ético ter filhos biológicos".

"Simplesmente não é ético em um mundo superpovoado, onde falta água e comida para muitas pessoas, onde estamos destruindo o meio ambiente, onde não paramos de consumir mais e mais recursos", disse à BBC Mundo, o serviço em espanhol da BBC.

"Não quando se pode adotar ou acolher (outras crianças)."

Os que pensam como ela são conhecidos como antinatalistas - e se inspiram, em geral, nas ideias de David Benatar, diretor do departamento de Filosofia da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, um dos expoentes atuais dessa corrente de pensamento.

O antinatalismo, para García, também está associado ao veganismo, pelo qual ela optou antes mesmo de decidir que não queria filhos.

"Como ativista, luto contra todo tipo de exploração animal. Se eu tivesse filhos, seria responsável por criar uma cadeia sem fim de humanos que vão consumir produtos animais, porque não posso garantir de forma nenhuma que meus filhos e netos sejam veganos", afirma.

"Ter filhos significaria necessariamente aumentar o sofrimento animal."

Ser antinatalista, na opinião dela, também é ir contra o sistema estabelecido, que "supõe que uma mulher está destinada a ser mãe".



Direito de imagem. GETTY IMAGES Image caption. Corrente do antinatalismo diz que superpopulação, escassez de recursos naturais e o sofrimento da vida são motivos éticos para não querer filhos biológicos

'Egoísmo'?

A espanhola submeteu-se a uma cirurgia de histerectomia, mas não descarta, no entanto, a possibilidade de querer ter filhos no futuro. Adotar crianças é uma opção que ela ainda considera.

"As pessoas costumam ficar chocadas, porque veem a esterilização como uma mutilação, mas quando eu explico os motivos, elas entendem. Em geral, nunca tive muitos problemas", afirma.

Aos que dizem que a ideia é "egoísta", a barceloneta responde que nem todos os que decidem não ter descendentes biológicos o fazem pelos mesmos motivos.

"Não vejo o que há de egoísta em querer dedicar sua vida a outra coisa que não seja ter filhos. O que acho egoísta é tomar, de maneira unilateral, a decisão de trazer alguém a este mundo."

Outro motivo listado pelos antinatalistas é o fato de que todos os seres humanos experimentam o sofrimento físico, psicológico e emocional.

"Claro que há momentos bons na vida, mas não estaria privando ninguém deles. Não se pode privar de nada uma pessoa que não nasceu", diz García.

Desde que se tornou ativista, ela diz que lamenta "menos" que seus pais a tenham trazido ao mundo.

"Acho que muitas pessoas já pensaram em suicídio uma vez ou outra. Mas, já que estou aqui, tento ser útil."

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43578086>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ANEXO C – Casou com uma estação de trem e garante ter “sexo mental” com ela

ROMA DE SEMPRE

domingo, 11 de novembro de 2018

Casou com uma estação de trem e garante ter “sexo mental” com ela

Antes punham [nestas pessoas] uma camisa de força e lhes davam medicamento. Agora, como parte do plano sistemático para desconectar sexualidade da biologia e convertê-la em expressão arbitrária da liberdade, dedicam-lhes um artigo no jornal.

Que no te la cuenten...

Pe. Javier Olivera Ravasi

Fonte: Diario Clarín

Se casou com uma estação de trem e garante ter “sexo mental” com ela.

Carol contou que sua relação com o edifício começou em 2011 e quatro anos depois se casou com ela



Carol vive na Califórnia desde que tinha três anos (Metro).

Tradução de Airton Vieira – Carol, uma mulher de 45 anos de San Diego, confessou estar profundamente **apaixonada pela estação de trem de Santa Fe**, da Califórnia. Seu amor pela estrutura começou quando tinha nove anos e segundo conta seu vínculo foi se consolidando ao longo do tempo.

Sua relação começou em 2011 e quatro anos depois se casou com ela, contou a Metro, mas seu amor vai mais além. Carol garante que tem **“sexo mental”** com a construção. “Não tenho sexo físico com a estação em público porque quero ser respeitosa. Tenho sexo em minha mente com Draida quando estou ali”, garantiu a mulher, que até pôs nome ao edifício.



Carol garantiu que mantém “sexo mental” com a estação (Metro).



Sua relação formal começou em 2011 (Metro).

Todos os dias viaja de ônibus **45 minutos** para vê-la e quando chega caminha pela quadra dando voltas ao redor dela. “Gosto especialmente quando escuto os trens”, explicou [...].

Carol, que vive na Califórnia desde que tinha três anos, afirmou que a estação de trem é o amor de sua vida apesar de já ter tido uma relação anterior com um homem: “*Uma vez amei um humano, se chamava Tom e estivemos juntos durante 18 meses, mas não funcionou. Agora me sinto incrível nesta relação com Draida porque ela me disse que nunca me abandonaria*”.



A **objetofilia**, consiste em sentir atração emocional e sentimental por um objeto (Metro).

Já que muitos consideram que este “apaixorar-se” de Carol pela estação “não é normal”, ela decidiu fazer uma busca intensa para saber o que lhe estava passando e foi quando conheceu a **objetofilia**, que consiste em sentir atração emocional e sentimental por um objeto.

“A sexualidade objetiva não é uma doença mental. É nossa sexualidade, da mesma forma que ser lésbica ou bissexual, não estamos loucos. A gente simplesmente não entende”, explicou.

E seguiu: *“Tenho tanto medo de ser pega, que não digo, pela segurança da estação, que estamos casadas. Me encanta caminhar e vê-la. Daidra e eu conversamos sobre coisas normais, sempre lhe digo como foi meu dia. Nunca posso deixar San Diego, porque minha amante está aqui. **Nunca poderia amar outra estação de trem, ela é a única**”.*

FONTE: <http://www.quenotelacuenten.org/2018/11/03/se-caso-con-una-estacion-de-tren-y-asegura-tener-sexo-mental-con-ella/>

Disponível em: <<https://romadesempre.blogspot.com/2018/11/casou-com-uma-estacao-de-trem-e-garante.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018.